

**QUEER**



19-27.09.2025

**LISS**

**BOA**

Cinema São Jorge  
Cinemateca Portuguesa

**2025**

**queerlisboa.pt**

# Queer Lisboa 29

## Festival Internacional de Cinema Queer

### Produção



### Festival Apoiado por



### Parceria Estratégica



### Coprodução



### Apoios à Programação



### Patrocinadores de Prémios

### Televisão Oficial



### Rádio Oficial

### Apoios



### Restaurantes Parceiros

### Parcerias Média

### Apoio a Eventos



**Contra Natura**  
**EROTIKA SHOP**

**TRUSTED**

RUA QUIRINO DA FONSECA, 7B  
RUA NOVA DA TRNDADE, 26B  
RUA DOS DOURADORES, 23  
RUA DOS CORREIROS, 163

**LISBOA**

contranatura.pt

**altcontent**  
*The music for your story*

**20 unique, international collections**  
**All musical genres and styles**  
**Pre-cleared, one stop**  
**Quality and variety**  
**100.000+ tracks**

www.altcontent.co  
altcontent@altcontent.net

# Queer Lisboa 29

## Festival Internacional de Cinema Queer

4	Editorial “Dar sentidos”	22	Competição Queer Art
6	Júris Competição	25	Panorama
8	Noite de Abertura	28	Resistência Queer
8	Noite de Encerramento	32	Queer Focus: “Contaste que Eras Trans?”
9	Sessões Especiais	35	Retrospectiva: Lionel Soukaz
10	Competição Longas-Metragens	40	Gender Play
13	Competição Documentários	41	Exposição
16	Competição Curtas-Metragens	42	Festas
20	Competição In My Shorts	43	Calendário de Sessões

### Equipa Queer Lisboa

Diretor Artístico: João Ferreira

Programação: Ana David, Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, João Ferreira

Programador Convidado (Queer Focus): Caio Amado Soares

Direção: Cristian Rodríguez, João Ferreira

Produção: Ana David, Cristian Rodríguez

Consultoria: António Fernando Cascais

Movimento de Cópias: Lucas de Lima

Hospitalidade: Ana David, Cristian Rodríguez

Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: Cristian Rodríguez

Design Gráfico: Ivo Valadares

Motion: Gonzalo Gómez

Website: João Pascoal Studio, After You

Tradução: Ana David, Cristian Rodríguez, João Ferreira

Tradução Legendagens: Ana Grilo, Ana Varela, Bernardo Castro, Constança Carvalho Homem, Inês Passos, Isabel Mendes, Mónica Costa, Nar Albuquerque, Pedro Cerdeira, Rita Carmo, Rita Neiva, Sofia Espada, Vanessa Careta, Vítor Pombo

Música Trailer: Pantha du Prince

Legendas: Alexandre Batista

Organizado por:

Associação Cultural Janela Indiscreta

Casa do Cinema

Rua da Rosa, 277, 2.º

1200-385 Lisboa

Tel.: + (351) 91 610 69 04

info@queerlisboa.pt

### Cinema São Jorge

Avenida da Liberdade 175

1250-141 Lisboa

Tel. + (351) 213 103 400

Metro: Avenida

www.cinemasaojorge.pt

Bilhete inteiro: 4,50€ | com desconto: 3,50€\*

Pack 5 bilhetes para 5 sessões diferentes pelo preço de 4: 18,00€ | com desconto: 14,00€\*

\*Menores de 25 anos, Cartão Jovem, maiores de 65 anos, funcionárias da Câmara Municipal de Lisboa e membros das Associações LGBTQIA+, devidamente identificadas.

Sessão de curtas “No Pride in Genocide”: entrada gratuita, mediante levantamento de ingresso no próprio dia.

Horário:

Diariamente, a partir das 14h e até ½ hora depois do início da última sessão.

Bilheteira online: BOL

### Cinemateca Portuguesa

Rua Barata Salgueiro 39

1269-059 Lisboa

Tel. + (351) 213 596 200

Metro: Avenida

www.cinemateca.pt

Bilhete inteiro: 3,20€ | com desconto: 1,35€\* / 2,15€\*\*

\*Amigues da Cinemateca, estudantes de cinema, desempregades.

\*\*Estudantes, Cartão Jovem, maiores de 65, pensionistas.

Horário: De 2ª a 6ª feira, das 14h30 às 15h30 e das 17h30 às 22h00; sábados, das 14h00 às 21h30.

Bilheteira online: BOL

## “Dar sentidos”

João Ferreira

Escrever sobre a presente edição do Queer Lisboa, a sua 29.<sup>a</sup>, não pode deixar de partir de um lugar do coração. Este texto, este ano, só pode existir em fragmentos, estilhaços, emoções, porque vem de um lugar de perda e de orfandade. Não há lugar a, nem há vontade de grandes dissertações críticas ou académicas sobre cinema e curadoria. Falarei de cinema e de curadoria, mas a partir desse outro lugar, que não é tanto do racional – não tanto a partir dos livros que li e dos filmes que vi –, mas a partir da pele. Fazendo justiça a esse dispositivo tão fundamental do cinema queer, que divulgamos há quase três décadas, começo este texto de forma diarística. Um olhar para dentro, que em momentos é a única forma de olhar para fora, de encontrarmos sentido no que parece não ter sentido nenhum.

Em finais de janeiro deste ano, perdemos o nosso querido amigo e colega Daniel Pinheiro. Um abalo emocional para todos nós no festival, que não vai ser fácil de sarar. O Daniel trabalhava connosco há 10 anos, entrou de braços abertos nas nossas vidas, não nos largando nunca, nem nós a ele. Desmoronaram os alicerces – nossos pessoais, e do festival –, que ainda estamos a procurar reerguer. Nunca voltarão a ficar exatamente de pé, serão sempre diferentes. Duas semanas e meia depois do falecimento do Daniel, teríamos embarcado juntos para Berlim, para ir à Berlinale; festival onde, há quase 30 anos, foi em grande medida pensado, idealizado e feitos os primeiros contactos, para criar o que é hoje o Queer Lisboa. Mas Berlim também mudou. E o mundo está a mudar. Nesta viagem a uma das cidades que mais amo e que foi formativa na minha autoestima, na construção do meu desejo, pensei em Weimar e no fim de uma era. Olhando o mundo, senti o que nunca pensei sentir, um fim da democracia, um fim do humanismo, da empatia. Uma viagem assombrada de perdas. Uma viagem com tantos anjos e fantasmas e uns tantos corpos, nesta cidade que sempre foi tão generosa em oferecer-me corpos e desejo, e eu a sentir-me sempre a falar com todos os fantasmas e os anjos, e a ouvir o que têm para me dizer. Soprado pelos ventos do futuro, mas de costas para ele, a olhar o passado, como o anjo do Klee, do Benjamin, o fim da Europa forçado por Müller na garganta de Hamlet. Outrora, Isherwood teve de partir daqui. *Goodbye to Berlin*. Também aí, os tempos estavam a mudar. A Neue Nationalgalerie, essa elegância esquelética que brota do cimento, desenhada por Mies van der Rohe, acolhia uma exposição da Nan Goldin, com um assombro de título: “This Will Not End Well”. Pois não. A obra de Goldin é de perda e de trauma, de luta e de sobrevivência. Mas, ainda

assim, encontra beleza e uma espécie de paz, nessa voragem. Berlim foi o mundo e tantos mundos em retrospectiva frente aos olhos.

A presente programação do Queer Lisboa é, inevitavelmente, um espelho deste mundo, hoje, e talvez o exercício a propor seja mesmo esse: o de encontrar alguma beleza e paz, entre as frechas e as feridas abertas. As histórias de superação, os gestos de empatia, o carinho, a resistência. Estes são alguns dos pilares que nos devem alimentar na energia que precisamos para seguir nesse caminho, onde estas histórias e estes gestos sejam também parte das nossas vidas. Por outro lado, o passado. Os fantasmas que habitaram e ajudaram a construir o que é hoje a cultura queer. Num presente que parece recusar aprender com o passado, que insiste em repetir os mesmos erros, celebremos essa memória, e que ela sirva para continuarmos a erigir utopias. As utopias podem ser um sonho intangível, mas delas saem esses tais pequenos gestos, saem os caminhos que se trilham. Delas, crescem comunidades e laços.

Olhemos para esse documentário com que encerramos o festival, o *Between Goodbyes*, de Jota Mun, e pensemos no trauma pessoal, familiar e de um país – neste caso, a Coreia do Sul –, que faz a sua expiação de uma política de controlo de natalidade que, a partir dos anos 50, obrigou as suas famílias a entregar (sobretudo) as filhas para adoção, para territórios e línguas distantes. A Mieke, falha-lhe uma parte da sua identidade, perdida numa outra ponta do mundo. É também de trauma pessoal e coletivo que nos recorda *Vivre, mourir, renaître*, de Gaël Morel, ao evocar aqueles afetados pela epidemia da sida, e de como se sobrevive a esses tantos outros que viram as suas vidas interrompidas. Lidar com o trauma pessoal tem conhecido, no cinema queer, um modelo que, podendo não garantir uma cura, talvez seja um caminho de superação. Ao voltar a câmara para si mesmo, Jérôme Clément-Wilz expõe a sua história de vítima de abusos sexuais, em menor, às mãos de um padre, e do processo judicial que trava contra esse homem e a igreja, já em adulto, em *Ceci est mon corps*. Talvez a superação não tenha acontecido, mas o cinema pode também ser arma de denúncia e um generoso ato de dar a ver às outras vítimas que não estão sozinhas. É também na primeira pessoa que Maarten de Schutter procura respostas para a perda da mãe, num trágico acidente, quando ele tinha apenas 14 anos, desmoronando-se o único universo familiar que conhecia, em *My Sweet Child*. O trauma apaga a memória e baralha a realidade, e é através de uma reconstrução de redes de afeto que Maarten reaprende e honra essa ligação primordial da sua vida.



A Body to Live In



Essa ideia da necessidade do outro, de uma voz e de um corpo, para nos ajudar(mos) a construir quem queremos ser, está inevitavelmente plasmada na nossa programação. Como nessa dura e poética história de construções identitárias que é *Something Must Break*, de Ester Bergsmark. Ou de como é precisa uma sinfonia de corpos, que juntos dançam para celebrar os laços, antes das partidas para outros lugares, em *The Crowd*, de Sahand Kabiri. Amizade plasmada também nessa viagem a dois – que não deixa de ser um caminho solitário –, de *Holy Electricity*, de Tato Kotetishvili, onde dois homens vendem crucifixos em néon, de porta em porta. Talvez seja uma solidão a dois, mas é uma história de amparo e cumplicidade, como aquela a que assistimos em *Cactus Pears*, de Rohan Parashuram Kanawade, tendo como pano de fundo uma religiosidade que agrilhoa os desejos, mas onde no próprio seio familiar se adivinha uma cumplicidade calada que abre lugar à liberdade.

Mas voltemos a esse mundo de que falava. Um mundo que se espelha em tanto do cinema que propomos para esta edição. Um cinema que olha a nossa realidade e a denuncia, que por vezes nos propõe essa beleza que ainda brota, a custo. Um cinema às vezes perplexo com o que vê à sua volta. Assistimos, hoje, à meteórica ascensão das extremas-direitas, com a sua disseminação da LGBTQIA+-fobia, do discurso contra as populações migrantes, de um falso puritanismo e moral duvidosa, que a passos galopantes contaminam as nossas sociedades; sem esquecer a falência das esquerdas nas democracias ocidentais – cegas na admissão das suas próprias falhas e relutantes em fazer um exercício de autocritica, como vemos acontecer em Portugal. Nesse contexto, de Itália chega-nos um documentário que não pode deixar de nos fazer pensar. E assustar. Em *My Boyfriend el Fascista*, o realizador Matthias Lintner olha para a sua relação com o namorado, de origem cubana, crítico feroz do regime cubano e fervoroso apoiante de Meloni, num filme que nos ajuda a compreender essa armadilha de discurso das extremas-direitas e as suas muitas idiossincrasias. Sobre a crise dos migrantes na Europa, chegamos do Reino Unido a ficção *Dreamers*, de Joy Gharoro-Akpojotor, sobre os alçações burocráticos onde resvalam as pessoas migrantes, sobre a opressão das casas de detenção, mas também sobre como na mais adversa das situações pode nascer o amor e a amizade, e com eles alguma luz de esperança. Ou, sobre as crescentes expressões de transfobia, esse impressionante retrato que Chase Joynt nos oferece de Sarah McBride – em *State of Firsts* –, primeira congressista trans dos EUA, em pleno trumpismo. Quando é o próprio Estado o primeiro a agredir estes corpos e identidades, a História ensina-nos o que vem depois.

Num olhar a outros paradigmas que o programa deste ano oferece, o filme de abertura do Queer Lisboa 29, *Plainclothes*, longa-metragem de

estreia de Carmen Emmi, transporta-nos de volta a essas narrativas que, em inícios dos anos 1990, moldam o que viria a ser designado por New Queer Cinema (NQC), pela revolução narrativa e estética que operaram, dentro do cinema independente norte-americano. Não por acaso, a ação de *Plainclothes* regressa a essa mesma década de 90, um período onde o conservadorismo convive com um revitalizar do ativismo queer, propulsionado pela luta contra a sida. Celebramos a inventividade deste cinema, ao recordarmos também essa obra marcante de 2001, *By Hook or by Crook*, de Harry Dodge e Silas Howard, onde os seus realizadores, que são também os protagonistas, abrem caminho à representação trans já no período final do NQC. Um cinema que legitima as vivências e identidades queer, e que mostra ao mundo – orgulhosa e provocadoramente –, que não quer aceitação, nem ser norma. E mesmo quando uma parte da comunidade queer parece sucumbir à pior das normas (veja-se a presença de pessoas queer nas extremas-direitas), temos sempre as suas subculturas, que também aqui celebramos. Seja nesse objeto poético e existencial que é *Cherub*, de Devin Shears, que evoca o universo *bear*, seja esse olhar às culturas BDSM, em *Pillion*, de Harry Lighton, ou a magnífica proposta documental que nos oferece Angelo Madsen, em *A Body to Live in*, que resgata a vida e a arte de Fakir Musafa e o movimento de “modificação corporal” que liderou. Subculturas que são um compêndio de liberdades e prova de resistência nas margens, de criação de realidades alternativas.

Estas e muitas outras são as nossas propostas, de que aqui apresento estes fragmentos e possíveis linhas de leitura, que espero sejam um incentivo para descobrir tanto do cinema que oferecemos. E porque começo este texto a falar de fantasmas, não podia deixar de o terminar sem referir essas muitas, tantas, figuras que ajudaram a construir a nossa história queer comum. Se este ano podemos visitar o fotógrafo Peter Hujar, nessa obra maior de Ira Sachs, *Peter Hujar's Day*, ou a ativista feminista e lésbica, Sally Gearhart, em *Sally!*, de Deborah Craig, muitos são esses outros fantasmas evocados no cinema do francês Lionel Soukaz, a quem dedicamos a retrospectiva deste ano. Genet, Pasolini, Hocquenghem, Copi, são alguns dos muitos espectros que habitam o cinema de Soukaz – um cinema da resistência criativa e política, de exaltação e resgate de uma cultura queer –, que importa descobrir ou redescobrir este ano no Queer Lisboa.

Para resistir, temos de lembrar. Soprados pelos ventos da mudança, olhemos o passado. Aprendamos com ele. Para, aos poucos, ir reconstruindo os frágeis alicerces deste presente e dar sentidos ao futuro. Este festival é para ti, Daniel.

## Júri Longas-Metragens



### Catarina Vasconcelos

Realizadora, nascida em Lisboa, em 1986. A sua primeira curta-metragem *Metáfora ou a Tristeza Virada do Aveso* (2014) estreou-se no festival Cinéma du Réel, Paris, onde lhe foi atribuído o prémio de melhor filme. A sua longa-metragem de estreia, *A Metamorfose dos Pássaros* (2020), foi aclamada pela crítica e distinguida na secção Encounters do Festival de Cinema de Berlim e passou por variados festivais internacionais. Mais recentemente, realizou a curta-metragem *Nocturno para uma Floresta* (2023), com estreia no Festival de Cinema de Locarno. É tutora na Elías Querejeta Zine Eskola em San Sebastián desde 2022.



### Francisca Carneiro Fernandes

Nascida no Porto, licenciada em Direito e em Direção de Empresas. Foi Presidente do CA do TNSJ e Diretora Geral da Unidade Orgânica de Cultura da Ágora – Cultura e Desporto do Porto, que gere o TMP e onde foi cumulativamente Diretora Executiva. Desde então assumiu a Direção de Novos Projetos, destacando-se os futuros Centros Culturais Matadouro e CACE. Foi Presidente da Direção da Performart – Associação para as Artes Performativas até 2023 e Presidente do CA do CCB (2023-2024). É membro do CA da União de Teatros da Europa e desde 2025 é Presidente da PEARLE – Live Performance Europe, a Federação Europeia de Organizações de Música e Performance ao Vivo.



### Gustavo Scofano

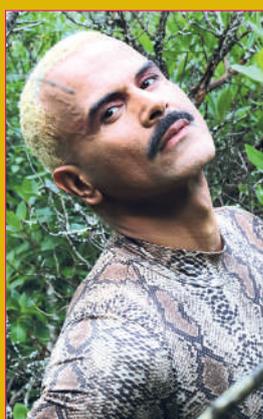
Nasceu no Rio de Janeiro, em 1984, e é formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Criou e dirigiu séries documentais para canais como MTV, VH1 e GNT. Trabalha com programação de filmes para diferentes eventos e atuou por muitos anos como Head of Programming do Festival do Rio, onde participou da criação do Prémio LGBTQIA+ Felix. Integrou júris como o Teddy Award (Berlinal) e o Festival Mix Brasil. Desde 2017, trabalha também com distribuição de filmes em Portugal. Atualmente, desenvolve o seu primeiro documentário de longa-metragem no país.

## Júri Documentários



### Marta Sousa Ribeiro

Nascida em Lisboa em 1992. Estudou cinema, desenho e pintura em Portugal e na Dinamarca. Cofundou a produtora VIDEOLOTION e produziu a longa-metragem *Verão Danado* (2017). Realizou um episódio para a série *Subsolo* (2018) e corealizou outro para a série *Crias* (2019). A sua primeira longa, *Simon Chama* (2020), estreou em San Sebastián e foi premiada no IndieLisboa. Corealizou com Marta Reis Andrade a animação *As Horas* (2022); realizou a curta/vídeo-instalação *The Illusion of an Everlasting Kiss* (2023). Coordenou o departamento de cinema & TV da produtora Playground entre 2024-25.



### ROD

Artista visual e investigador brasileiro radicado em Lisboa. Possui doutoramento em Sociologia pelo ICS-UL, e realizou investigação de pós-doutoramento no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. A sua prática artística desenvolve-se no campo da crítica decolonial e atravessa a pintura, a escultura, a performance, o desenho, a colagem digital e o design gráfico. Através de projetos autorais e colaborações transdisciplinares, tem contribuído para o debate sobre política da imagem, corpos dissidentes e práticas artísticas comprometidas com justiça social. Cofundou o Coletivo Afrontosas e a União Negra das Artes.

© Raquel Pimentel



### Silvia Alves

Jornalista, com licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, pós-graduação em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, e estudos doutorais em Ciências da Comunicação. Iniciou-se na rádio em 1987 com o programa *Sete Mares* na Antena 1. Em 1991 saltou para a televisão, como apresentadora e redatora do programa *Caderno Diário* da RTP1, e mais tarde do programa ambiental *Planeta Azul*. Desenvolveu diversos projetos e formatos nas áreas de Ambiente, Ciência, Saúde, Literacia e Cidadania. Na Antena 2 faz a rubrica diária *Há 100 Anos*, e na RTP2 é autora de programas, documentários e rubricas com foco em igualdade de género, história e artes.

## Júri Curtas-Metragens



© João Mendes & João Barriga

### Diego Braga

Artista trans travesti, nascida em Belo Horizonte, a viver em Lisboa. Estudou na London International School of Performing Arts e é mestre em Teorias da Arte pela FBAUL. O seu trabalho cruza espiritualidade, erotismo e arqueologia queer. Em 2025 apresentou *Cleópatra & António* no CAM. Em 2020-2021 foi apoiada pelo Sundance Institute. A sua curta *Think About the Beautiful Future Ahead* (2021) pode ser vista no New York Times/Op-Docs. Realizou os videoclipes da sex-symbol DIDIRELLA. Os seus filmes foram exibidos no Queer Lisboa, Temps d'Images, Fringe! Queer Film & Arts Fest e SFFILM. Em 2025 estreará a ópera A GENTE NA BOATE SOFRE JUNTO.



© Alípio Padilha

### Francisca Manuel

Pós-graduada em Arte Multimédia, estudou cinema e arquitetura em Lisboa. O seu trabalho situa-se na confluência entre a imagem em movimento, o espaço arquitetónico e o gesto performativo. Entre cinema, fotografia e vídeo-instalação, a cineasta constrói um léxico visual que interroga a memória como matéria viva, em constante reinscrição. As suas obras têm sido apresentadas em festivais internacionais de cinema e integram coleções de arte, como a Fundação EDP e a coleção Peter Meeker, confirmando a relevância do seu trabalho no cruzamento entre cinema e artes visuais.



### Tiago Manaia

Nasceu em Lisboa. Aos 18 anos parte para Paris onde estuda no Conservatoire National Supérieur d'Art Dramatique. No cinema trabalhou com Christophe Honoré, Patric Chiha, Maya Da-Rin, João Canijo e no teatro com Carlos Avilez, Cyril Teste, e Luís Miguel Cintra. Colaborou com o jornal *Público* e a revista *Vogue*. Para a *Máxima* tem entrevistado personalidades do cinema, literatura e música. Para a discoteca Lux Frágil editou, ao lado de Manuel Reis, um imenso arquivo fotográfico sobre as noites de Lisboa. No canal *Now* faz a rubrica semanal *Dicionário de Estilo*, cruzando moda e atualidade global.

## Júri Queer Art



### Bruno Huca

Bruno Huca é o ator, performer, diretor de movimento e voz, criativo e Huca o cantor, músico, compositor. Os “dois” são este mesmo corpo negro, queer, migrante, esta mesma alma inquieta pelo mundo navegando entre o teatro, as artes performativas, a música e o movimento em busca de perguntas que nos ajudem a plantar um outro lugar. Formado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema e com uma carreira profissional de mais de 21 anos e 27 anos de palco, os primeiros deles na sua terra natal: Moçambique.



### Luisa Cunha

Nasceu em Lisboa em 1949. Desde os anos 90 que a sua obra atravessa o som, a fotografia, o vídeo, o desenho, a escultura, e a performance. Em 2021 representou Portugal na 34ª Bienal de São Paulo e recebeu o Grande Prémio Fundação EDP Arte, no seguimento do qual lhe foi dedicada a exposição antológica “Hello! Are You There?” no MAAT. Expôs individualmente no Atelier-Museu Júlio Pomar, Fundação de Serralves, Chiado 8, Galeria Miguel Nabinho, entre outros. Tem mostrado o seu trabalho internacionalmente em museus, fundações e bienais. A sua obra está representada em distintas coleções institucionais.



© Quentin Balpe

### Stéphane Gérard

Cineasta, nascido em 1987, residente em Paris. O seu cinema experimental centra-se na história das mobilizações e na representação das políticas de género, orientação sexual, VIH/SIDA e pessoas de ascendência africana: *Rien n'oblige à répéter l'histoire* (2014), *La Machine avalée* (2015), *Entre garçons* (2018), *J'irai danser quand même* (2024). Com o cineasta Lionel Soukaz corealizou *En corps +* (2021) para o Mucem, e *Artistes en zone troubles* (2023) para o Palais de Tokyo. Ambos os trabalhos fazem parte de uma reflexão mais ampla sobre a preservação de arquivos audiovisuais. Dedicar-se também à programação e distribuição de filmes.

## Plainclothes

Pode o desejo entre dois homens fingir a vigilância policial homofóbica e vencer o conservadorismo religioso? Chegado diretamente de Sundance, a longa-metragem de estreia do norte-americano Carmen Emmi é auspiciosa e remete-nos para um conjunto de filmes que a inícios dos noventas invadiram os ecrãs desse mesmo festival, onde se pôde assistir a uma revolução narrativa e estética no contar de histórias queer, que resultou no New Queer Cinema. Nem de propósito, é nos anos 90 que se passa a ação de *Plainclothes*, numa pacata Syracuse do norte do Estado de Nova Iorque. Lucas (Tom Blyth), jovem polícia, faz emboscadas a homossexuais nos WCs de um centro comercial, onde conhece Andrew (Russell Tovey), por quem se apaixona, numa narrativa elegantemente escrita, história de amor com forte matriz social, passada nessa década abalada pelo VIH/sida. A esta sólida e empática história, Emmi adiciona uma densidade estética, invocando esses tempos da camcorder e do VHS, que densificam os corpos de Blyth e Tovey – magistrais nos seus papéis –, citando ainda essas imagens já históricas dos anos 50 das emboscadas de Mansfield, Ohio (recuperadas por William E. Jones), resultando num filme imerso em nostalgia, e de uma coesão rara que ainda assim não deixa de ousar experimentar. J.F.

Carmen Emmi (EUA, 2025, 95')  
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sexta-feira 19 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 21h00



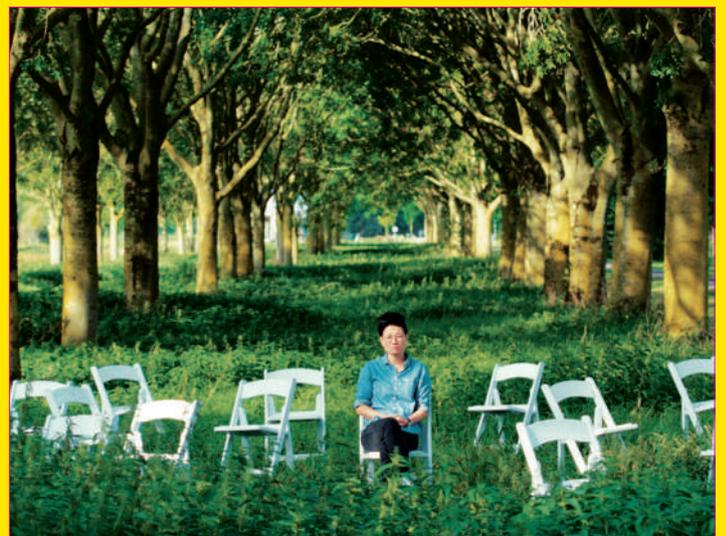
## Noite de Encerramento

## Between Goodbyes

Em meados dos anos 50, a Coreia do Sul implementou um programa internacional de adoção para integrar os seus órfãos de guerra. Décadas mais tarde, a propaganda de controle demográfico do país afirma que “dois já é demasiado”, e pressiona as famílias pobres a entregarem as suas crianças, sobretudo se lhes nascerem filhas. Mieke seria a quarta menina da família. Cresceu na Holanda, perdeu cedo os pais adotivos, pôde reconhecer-se queer e casar com outra mulher. Os esforços da sua família de origem permitem uma aproximação que será marcada por dúvidas, descargas emocionais, e pela demorada mitigação da culpa. Jota Mun, também entregue para adoção, realiza um documentário sensível e bem pesquisado, que é também um instrumento de comunicação entre os membros da família. Cirúrgico e responsável, o filme faz a crónica da pacificação possível, sem esquecer a denúncia de práticas adotivas que degeneraram em negócio, com o Ocidente a lavar a consciência e a Coreia a enriquecer os cofres do Estado. Precisávamos da história de Mieke para conhecer uma diáspora de crianças que um país enjeitou, que vivem hoje um paradigma cultural que esse país não abarca, mas para quem existe um amor original. C.C.H.

Jota Mun (EUA, Coreia do Sul, 2024, 96')  
Fic. VO neerlandesa, coreana e inglesa, leg. em inglês e português. M/16

Sábado 27 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 21h00



### Morte e Vida Madalena

Madalena é uma produtora de cinema, grávida de oito meses, e prestes a rodar um filme de ficção científica de baixo orçamento, escrito pelo seu pai, recentemente falecido. Quando Davi, o realizador do filme e seu ex-marido, desaparece misteriosamente do set, Madalena precisa de fazer tudo o que puder para terminar o filme antes do nascimento do bebé. Sob esta premissa, Guto Parente assina a sua homenagem ao cinema precário e artesanal, feito entre amigos, longe das fórmulas da indústria; um tipo de cinema com um encanto especial, mas difícil de levar avante. Regado com esse humor tipicamente brasileiro que é arma de sobrevivência (para ultrapassar os problemas, nada melhor que rir deles), o dispositivo escolhido é o da comédia, com uma fabulosa interpretação de Noá Bonoba, de energia corporal e tempo cómico admiráveis, e com um Tavinho Teixeira debochado, qual Klaus Kinski. O filme é também a celebração de uma comunidade artística nas margens da sociedade, da sua resiliência e compromisso. Ao fazer arte juntas, convertem um set desastroso num aliciante parque de diversões, celebram a amizade de forma inclusiva, deixam a igualdade triunfar sobre a violência, e vivem intensamente uma *queerness* sempre presente, mas nunca explicitamente assinalada. *Morte e Vida Madalena* é liberdade estética e moral, um filme onde o amor pelo cinema e o amor pela comunidade são a mesma coisa. C.R.

\* Esta sessão conta com a presença de Guto Parente

Guto Parente (Brasil, Portugal, 2025, 85')  
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 24 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 19h15



### Vivre, mourir, renaître

Celebrizado muito jovem, em França, pela sua interpretação em *Les roseaux sauvages* (1994), de André Techiné, quase em paralelo Gaël Morel começa a realizar, sendo a temática queer uma presença constante no seu trabalho, desde a ficção – como em *Le clan*, de 2004 –, até ao documentário de cariz mais ativista, como em *Famille tu me hais*, de 2020, um tocante retrato de uma juventude LGBTQIA+ largada à sua sorte pela família. Estreado este ano em Cannes, Morel regressa à ficção com *Vivre, mourir, renaître*, um mergulho num delicado e complexo tema ligado ao VIH/sida. O que acontece quando te preparas para a morte e aprendes que afinal tens uma vida – até talvez longa –, pela frente? É na Paris dos anos 90, que o tri-casal composto por Emma, Sammy e Cyril, seropositivos, vivem os anos mais complicados da epidemia e depois a chegada da triterapia que lhes abre a esperança da vida. Entre a sobrevivência de uns e a morte dos que não chegaram a esse ano charneira de 1996, Morel constrói uma narrativa de forte pendor metafísico, sobre o que passa a ser a vida depois de um anúncio de morte. J.F.

Gaël Morel (França, 2024, 109')  
Fic. VO francesa, leg. em inglês e português. M/16

Sábado 27 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 16h30



A presente sessão é dedicada à memória de Pedro Silvério Marques, ativista na área do VIH, falecido em março último. O Pedro foi membro fundador da associação Abraço e do GAT. A sua atividade incansável no combate ao estigma e discriminação, e na defesa dos direitos das pessoas com VIH e hepatites virais, foi instrumental na criação em 2010 do Centro Anti-Discriminação VIH e sida. Esta sessão é também uma homenagem a todas as pessoas que como o Pedro marcaram e enriqueceram as nossas vidas perante a pandemia do VIH.

# Competição Longas-Metragens

A competição de longas-metragens destaca obras de cineastas emergentes com diversos perfis, escolaridades, filiações estéticas e narrativas. Esta seleção toma o pulso ao espectro atual do cinema queer e visita, inevitavelmente, os territórios férteis que são o amor e a família. *Cactus Pears*, de Rohan Parashuram Kanawade, leva-nos a uma aldeia da região Ocidental da Índia. Anand regressa para cumprir os ritos fúnebres do pai e não demoramos a saber porque foi viver para Bombaim. A tensão entre a comunidade e o indivíduo, a recriminação desses homens incompreensíveis que recusam casar, são reveladas em pequenos golpes. Este é um cinema da demora, que brilha nos diálogos íntimos, e que teima em dar-nos vislumbres de amor no coração do luto. Por sua vez, *Dreamers*, de Joy Gharoro-Akpojotor, parte da experiência da realizadora enquanto requerente de asilo no Reino Unido. A história central é a de Isio, nigeriana retida num centro para mulheres em situação de ilegalidade. Isio vive assombrada pelo trauma da violação corretiva. Como ela, outras legitimamente fugidas dos seus países temem não ser ouvidas, mas travam amizades, cooperam, enamoram-se. O que há de mais válido nesta sociedade temporária é sublinhado em *Dreamers*, filme com marcada preocupação sociológica e humanitária. *Drunken Noodles*, de Lucio Castro, é um híbrido em torno da obra do artista Sal Salandra. Os bordados homoeróticos de Salandra são portas para uma espécie de realismo mágico que nos dá a conhecer Adnan e alguns capítulos da sua exploração sexual. Filme falsamente ligeiro, não teme mostrar como o plano afetivo e o erótico se interpelam, e assume como desejo fundador os beijos roubados por Adnan ao seu avô adormecido. Com o pano de fundo da euforia festiva de Bilbao em pleno agosto, *Jone, a veces*, de Sara Fantova, é um delicado e lúcido retrato de família. Jone tem vinte anos, quereria escusar-se à responsabilidade de cuidadora e decisora principal, mas a doença do pai não dá tréguas. Este é um soberbo exemplo do que o cinema de matriz

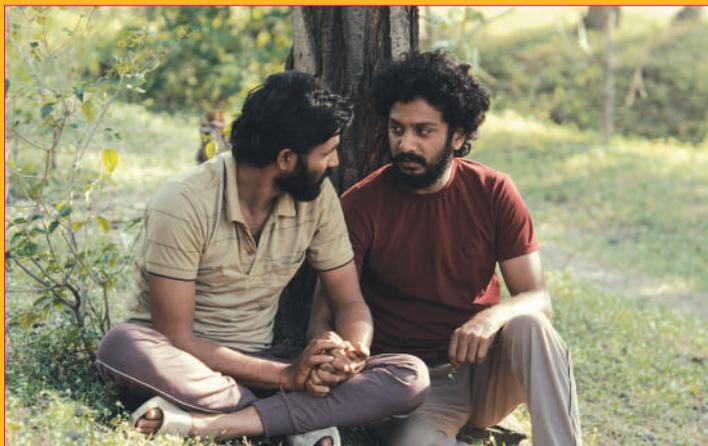
realista pode ser, deixando que os conflitos máximos respirem nos mínimos gestos e que as personagens vibrem na vizinhança umas das outras. *Laurent dans le vent*, assinado por Anton Balekdjian, Léo Couture e Mattéo Eustachon, filme bem-humorado e comovente, faz um contido elogio da inadaptação. Laurent está em crise nervosa, sem meios de subsistência, e aceita retemperar-se numa estância de esqui em época baixa. Porque vive de favores, Laurent é descartável. Naquele pedacinho dos Alpes, há outros para quem viver também não é tarefa óbvia, e Laurent descobrirá a sua gente, o seu consolo e vocação. *Lesbian Space Princess*, de Emma Hough Hobbs e Leela Varghese, é uma comédia de animação a seu modo nostálgica da ficção para adolescentes dos anos 90. É a história de superação de uma *loser*, uma história de amores frustrados também assente no imaginário da ficção científica. Aqui, a força propulsora é a paródia. Repleto de *inside jokes*, a sua principal (mas não única) caricatura é a heteronormatividade... esvaziada até à suave conversão. *Queerpanorama*, do ator-realizador Jun Li, tem tanto de enigmático como de melancólico. Do protagonista sabemos pouco: terá vinte e poucos anos, vive sozinho num espaço industrial, circula por Hong Kong colecionando hábitos, ideias, nomes de amantes, inventa-se sucessivamente. Este é um filme que mapeia o vício e a vertigem do encontro casual, bem como o vazio inerente à personagem – que questiona, e nos põe a questionar, quanta ficção produzimos para aguentar uma vida normal. Por fim, *Salomé*, de André Antônio, chega-nos do Brasil como uma deliciosa reinterpretação da história bíblica de Salomé. Filme indubitavelmente ativista, antes de mais pelo elenco a quem dá foco, *Salomé* constrói-se num jogo contínuo com o espectador, usando códigos audiovisuais do *film noir* e do cinema de fantasia, entre outros géneros, ora cumprindo expectativas, ora operando uma deliberada torção. Ir para lá da representatividade é, por exemplo, isto: deixar que Renata Carvalho seja sobretudo atriz e magistral no papel de mãe. C.C.H.

## Cactus Pears

Anand, um cidadão de 30 e poucos anos, obrigado a passar um período de luto de 10 dias pelo seu pai, nas acidentadas zonas rurais da Índia Ocidental, estabelece um laço afetivo e terno com um agricultor local que luta para se manter solteiro. Quando o luto termina, obrigando-o a regressar, Anand tem de decidir o destino desta sua relação, nascida contra tudo e todos.

Rohan Parashuram Kanawade (Índia, Reino Unido, Canadá, 2025, 112')  
Fic. VO marathi, leg. em inglês e português. M/16

Quinta-feira 25 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 19h15



## Dreamers

Vendo a sua liberdade ameaçada, Isio, uma migrante nigeriana recentemente transferida para um asilo no Reino Unido onde aguarda a deportação, procura forças para combater o sistema e pelo caminho encontra uma alma gémea cuja ajuda pode ser preciosa. A liberdade é esquiva, mas o amor é eterno.

Joy Gharoro-Akpojotor (Reino Unido, 2025, 78')  
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Quarta-feira 24 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



## Drunken Noodles

Adnan, um jovem estudante de arte, chega à cidade de Nova Iorque para passar o verão, tomando conta de um apartamento. Começa a estagiar numa galeria onde um artista mais velho e pouco convencional, que havia conhecido em tempos, tem uma exposição. À medida que momentos do seu passado e do seu presente começam a entrelaçar-se, uma série de encontros – tanto artísticos como eróticos –, abrem brechas na sua realidade quotidiana.

Lucio Castro (EUA, Argentina, 2025, 82')

Fic. VO inglesa e espanhola, leg. em inglês e português. M/16

Sábado 20 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 22h00



© Lucio Castro

## Jone, a Veces

Bilbau, agosto. Jone, de 20 anos, vive com o pai e a irmã mais nova, Marta. O pai de Jone teve de deixar o emprego devido às consequências da doença de Parkinson. Entretanto, as festividades da Semana Grande de Bilbau começam, preparando o palco para a primeira experiência amorosa de Jone.

\* Esta sessão conta com a presença de Sara Fantova

Sara Fantova (Espanha, 2025, 80')

Fic. VO espanhola e basca, leg. em inglês e português. M/16

Quinta-feira 25 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 22h00



## Laurent dans le vent

Laurent, 29 anos, está à procura de um sentido para a sua vida. Acaba por ir parar a uma estância de esqui deserta, na época baixa, e rapidamente se mistura com a vida surpreendente dos poucos habitantes locais. Quando os turistas chegam com o inverno, Laurent já não pode partir...

Mattéo Eustachon, Léo Couture, Anton Balekdjian (França, 2025, 110')

Fic. VO francesa, leg. em inglês e português. M/16

Domingo 21 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 19h15



© Mabel

# Competição Longas-Metragens

## Lesbian Space Princess

Uma introvertida princesa espacial é forçada a deixar o seu planeta natal, numa missão inter-gay-láctica para salvar a sua ex-namorada, caçadora de recompensas, das garras dos Machos Brancos Heterossexuais Extraterrestres.

Leela Varghese, Emma Hough Hobbs (Austrália, 2025, 87')  
Anim. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sábado 20 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 19h15



## Queerpanorama

Um homem gay faz-se passar por homens com quem já teve sexo e leva essa nova *persona* consigo para o engate seguinte. Somente fingindo ser outra pessoa, consegue ser verdadeiramente ele mesmo.

Jun Li (EUA, Hong Kong, 2025, 87')  
Fic. VO inglesa e mandarim, leg. em inglês e português. M/16

Segunda-feira 22 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 19h15



## Salomé

Cecília, uma jovem modelo de sucesso, regressa a Recife, a sua cidade natal, para passar o Natal com a mãe. Uma noite, um vizinho que ela não via há muito tempo, mostra-lhe uma garrafa com uma misteriosa e inebriante substância verde. Cecília começa a apaixonar-se por João, mas descobre também que ele está envolvido num culto secreto em torno da figura de Salomé, a sumptuosa princesa bíblica.

André Antônio (Brasil, 2024, 118')  
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 22 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



# Competição Documentários

Na competição de documentários deste ano abundam os retratos: de pessoas, mais ou menos conhecidas, e de lugares, mais ou menos remotos. Começemos por *Edhi Alice*, filme valioso não só pelo inusual que é vermos histórias de mulheres trans na Coreia, mas também pela serenidade com que são descritos os processos de transição das protagonistas, Edhi e Alice, a quem sentimos sempre próximas, embora estejam tão longe. Não tão desconhecido, Fakir Musafar é o homenageado em *A Body to Live In*, onde se reivindica o culto à volta do influente guru da modificação corporal. É também o filme onde Angelo Madsen, velho conhecido do festival, melhor afunila os conceitos que têm permeado a sua obra: corpos que desafiam categorizações, a contracultura como valor, o epifânico como limiar. Meio esquecido, embora menos anónimo, Jacques Nolot é um dos nomes essenciais da cinefilia parisiense. *Je suis déjà mort trois fois* começa com ele nu, despachando confissões aos seus 82 anos. As três vezes morto do título referem-se às suas três longas-metragens, sempre semiautobiográficas, e o filme é, nesse sentido, um olhar nostálgico sobre a sua obra, sobre a decrepitude, sobre uma existência que já foi. Ainda por falar em resgatar passados, apresentamos dois relatos autobiográficos de impactante carga emotiva. Jérôme Clément-Wilz regressa ao festival com o seu trabalho mais sincero e brutal: em *Ceci est mon corps* o íntimo torna-se político para falar de corpos violentados e abusos na Igreja, assuntos sobre os quais nunca é fácil nem suficiente debater. Também a recuperação da memória é essencial em *My Sweet Child*. Maarten de Schutter apenas lembra-se da sua

mãe, ativista da SIDA e antropóloga feminista que morreu no acidente de um avião abatido pela Rússia. A única forma que tem de recuperar o amor materno é através das inúmeras filmagens que conserva: o cinema qual tábua de salvação, a memória como pertença, num documentário chamado a conquistar corações. A pertença é também um tema caro a Mala Reinhardt, de ascendência malaia e que, como POC na Alemanha, sempre enfrentou as perguntas de uma sociedade que não a percebia como parte. Mala transpõe as suas preocupações em Akosua, protagonista do seu filme *Familiar Places*, e consegue tocar imensos assuntos importantes – maternidade, poliamor, colonialismo, migrações –, sem cair no sublinhado fácil. No epicentro do relato, uma reveladora viagem ao Gana, à origem, como fonte de respostas. E daí até ao Líbano com *Tripoli / A Tale of Three Cities*, filme especial por várias razões: pelo pouco que a cidade tem sido mostrada em cinema quando comparada com Beirute; pelo respeito com que retrata a sua população queer perante uma cultura heteronormativa; e pelo olhar fresco proposto sobre o Líbano, refúgio histórico para minorias e país numa delicada situação atual.

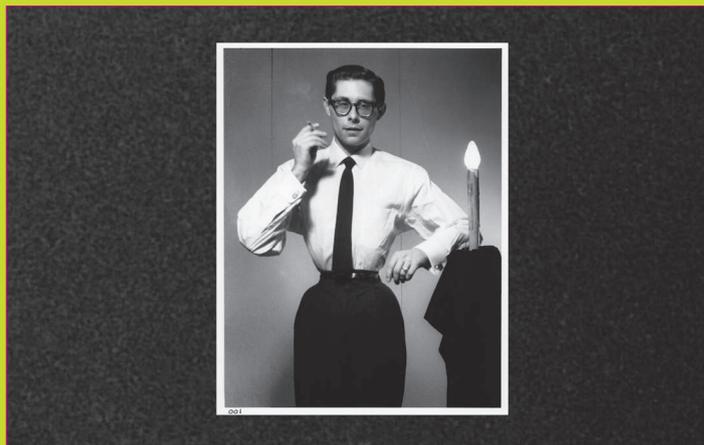
Por último, paragem na Amazônia peruana da mão de Cristina e La Bonita, duas cozinheiras que trabalham nos cargueiros que percorrem a zona. É inevitável que o contexto de *Amantes en el Cielo* nos faça lembrar *Fitzcarraldo*, de Werner Herzog, e a “conquista do inútil” que aquela obra propunha, da mesma forma que inevitável será não ficar comovido com o crepuscular relato da de-transição das protagonistas. C.R.

## A Body to Live In

A arte queer da Modificação do Corpo teve o seu auge em 1989, quando o movimento dos “Primitivos Modernos”, de Fakir Musafar, chega às culturas alternativas à volta do mundo, através da revista de subcultura punk *Re/Search*. Fotógrafo, artista de performance e ritualista, a obra de Musafar mobilizou uma geração inteira de artistas, pensadores e curiosos. *A Body to Live In* introduz-nos a este fascinante ícone da “Fluidez de Género”, pondo a descoberto a rica história da modificação do corpo no ocidente, e a sua complexa interseção com a sexualidade e as práticas espirituais.

Angelo Madsen (EUA, 2025, 97')  
Doc. VO inglesa, leg. em inglês e português. M/18

Terça-feira 23 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 19h15



## Amantes en el Cielo

*Amantes en el Cielo* explora as histórias de Cristina e La Bonita, duas cozinheiras trans que durante décadas trabalharam em cargueiros que navegam incansavelmente pelos rios da Amazônia peruana. Enfrentando pressões pessoais e sociais, elas navegam através de identidades fluidas: Cristina, de forma a cumprir uma promessa feita à sua mãe entretanto falecida, e La Bonita, por medo de arder para sempre no inferno.

Fermin de la Serna (EUA, Argentina, 2024, 77')  
Doc. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 22 setembro  
Sala 3, 16h15



# Competição Documentários

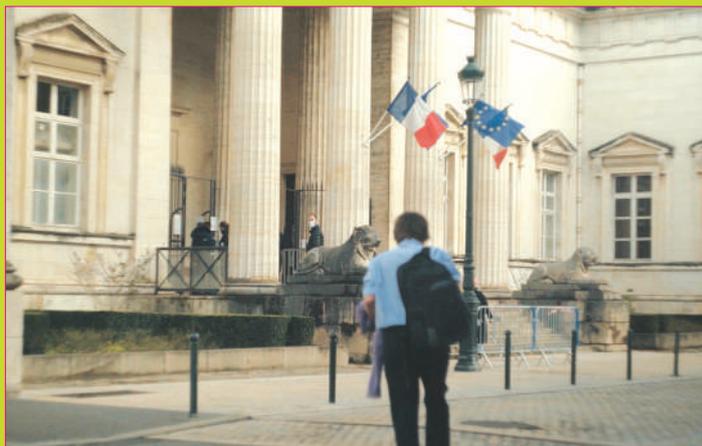
## Ceci est mon corps

“Quando apresento queixa contra o antigo padre Olivier de Scitivaux, pego compulsivamente na câmara de filmar. Esqueci tudo sobre a minha infância e os meus pais estão mergulhados na negação. Não esperava que o processo demorasse tanto tempo. Acima de tudo, nunca pensei perguntar-me um dia: o que aconteceu ao meu corpo? E quem é que sabia?”. Num gesto cinematográfico na primeira pessoa, ao mesmo tempo íntimo e político, Jérôme Clément-Wilz examina as micro-histórias que constituem a cultura da violação, e a memória como uma gaveta insondável.

\* Esta sessão conta com a presença de Jérôme Clément-Wilz

Jérôme Clément-Wilz (França, 2025, 64')  
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 25 setembro  
Sala 3, 21h45



## Edhi Alice

Edhi, nascida em 1987, trabalha como conselheira para adolescentes LGBTQIA+ em Seul. Em 2022, decidiu ir à Tailândia fazer uma cirurgia de redesignação sexual. Pensou que, quando o seu físico correspondesse à sua identidade como mulher, se sentiria em paz consigo própria. Mas, em vez disso, vê-se constantemente confrontada com um desafio atrás do outro. Na maioria das filmagens de Edhi, Alice, uma mulher trans de 49 anos, está sempre presente. Alice é uma diretora de iluminação profissional. Tem andado preocupada com a ideia de que o seu corpo não é suficientemente “feminino”. À medida que se debate com esta questão, começa a sentir o desejo de se expressar mais com o seu corpo e até sonha em atuar em palco, um dia.

Ilrhan Kim (Coreia do Sul, 2024, 127')  
Doc. VO coreana, leg. em inglês. M/16

Sábado 20 setembro  
Sala 3, 19h00



## Familiar Places

Queer, ganesa-alemã, poliamorosa e desejosa de ser mãe. A protagonista Akosua é acompanhada durante três anos pela sua amiga e realizadora, Mala, numa viagem pela Alemanha e pelo Gana. Juntas, experimentam os altos e baixos de uma vida cheia de anseios, relações e crescimento pessoal. Enquanto Akosua ainda está a pensar na forma de realizar o seu desejo de ter um filho, Mala engravida durante as filmagens.

Mala Reinhardt (Alemanha, 2024, 94')  
Doc. VO alemã, inglesa e asante twi, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 25 setembro  
Sala 3, 19h00



## Je suis déjà mort trois fois

O ator e realizador Jacques Nolot abre-se para a câmara sobre os seus desejos, dúvidas, ansiedades... e sobre o que o preenche na vida, tanto quanto o que o conecta com a morte. Entre sonhos e memórias, tudo parece desmoronar gradualmente.

Maxence Vassilyevitch (França, 2025, 65')  
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 26 setembro  
Sala 3, 19h00



## My Sweet Child

O realizador Maarten de Schutter procura reconstruir as memórias perdidas que tem da mãe, a ativista do VIH/sida e antropóloga feminista, Martine de Schutter. Dez anos após ser assassinada, ele explora a sua vida e a relação de ambos, de forma a estreitar os laços com o que ficou para trás. O filme é um desmantelar da memória, da maternidade e da perda, guiado pelo amor infinito entre mãe e filho.

\* Esta sessão conta com a presença de Maarten de Schutter

Maarten de Schutter (Países Baixos, 2025, 58')  
Doc. VO neerlandesa, leg. em inglês e português. M/16

Domingo 21 setembro  
Sala 3, 21h45



## Tripoli / A Tale of Three Cities

Um realizador queer regressa a Tripoli, no Líbano, para se confrontar com uma cidade natal que em tempos o rejeitou. Entrevista as pessoas que habitam a cidade, sobre as suas crenças culturais e sociais.

Raed Rafei (Líbano, 2024, 88')  
Doc. VO árabe e inglesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 23 setembro  
Sala 3, 16h15



# Competição Curtas-Metragens

Inerente à construção de um programa de novas curtas-metragens de um festival de cinema temático está a obrigatoriedade, construtiva, de se apresentar uma seleção o mais ampla e múltipla possível desse tema. No caso, o que é isso de se ser queer? Tanta coisa. Muita ainda por descobrir ou por inventar. As vinte curtas propostas disso tratam, sempre a partir de um lugar de curiosidade ou amor. Fatores cruciais ao ato de fazer cinema.

*Neko*, único filme português a concurso, vê um grupo de amigos adolescentes gastar uma tarde livre na baixa lisboeta, imersos nos seus próprios códigos, propondo que observemos um fragmento de uma possível experiência trans. Avançássemos alguns anos com a mesma personagem, e podia ser Mad, em *Are You Scared to Be Yourself Because You Think that You Might Fail?*, a navegar as dificuldades práticas, mas acima de tudo emocionais, de uma mastectomia. É também com a aprendizagem de permitirmos que nos amem que as duas protagonistas de *Ferides* se deparam. No contexto familiar os desafios são outros: a adolescente de *Sous ma fenêtre*, *la boue* exige ser amada pela sua mãe preferida, e o casal de *Birthdays* tem de procurar amortizar a exclusão social da sua criança que aparentemente não pertence a nenhum dos dois géneros praticados na escola. O *coming of age*, subgénero tão querido ao cinema queer, apresenta-se com *Howl* e *Big Boys Don't Cry*, ambos sobre a muito específica dor de crescimento que é a devoção, mais ou menos romântica, pela nossa amizade mais forte. *Before the Sea Forgets* e *Oceania* traçam caminhos paralelos, colocando os seus jovens protagonistas no encaicho da vida privada de homens que em vida amaram as suas pátrias, seja o Vietname, seja a Argélia.

Também o documentário nos traz histórias intergeracionais. *Being Blue* e *Lloyd Wong, Unfinished* versam sobre a ausência de cineastas que nos foram retirados demasiado cedo pelo vírus do VIH – o britânico Derek Jarman e o sino-canadiano Lloyd Wong –, enquanto *Les fantômes du hard, chapitre 2* se ocupa de investigar a vida de prazer e liberdade do fundador do primeiro clube de BDSM francês. O passado e os seus arquivos são terreno fértil. Em *Será Inmortal Quien Merezca Serlo* passado e presente entrelaçam-se nos testemunhos de quatro homens cubanos sobre um percurso marcado pela discriminação estatal, mas também pela autocelebração. *Twilight Ladies* dá-nos a conhecer uma breve história da comunidade de mulheres trans da histórica e boémia Bugis Street de Singapura, nos anos 50, e em *Le prime volte* remontam-se imagens caseiras num gesto de afirmação de um amor lésbico que passou despercebido na sua época. A céu aberto e beijadas pelo sol chileno, encontramos o afeto de duas mulheres em *Al Sol, Lejos del Centro*. Na privacidade de uma paisagem virtual de um videojogo, um homem navega os avanços sexuais de conotações racistas em *Homunculus*. O esbater de preconceitos relacionados com identidade pessoal negocia-se com imensa ternura, não desprovida de dor, em *My Therapist Said, I Am Full of Sadness* e *Correct Me If I'm Wrong*, ambos retratos autobiográficos de quem os filmou. O orgulho numa dissidência de género e de sexualidade pauta o retrato de *Nunca Fuimos un Desierto*, em que um grupo de performers indígenas oferece os seus testemunhos contra a paisagem do deserto argentino. São muitas as propostas para a prática da liberdade individual e coletiva, seja na esfera íntima, seja em sociedade. O caminho? Os afetos. A.D.

## Curtas I (99')

Domingo 21 setembro • Sala 3, 19h00

### Howl

Numa festa numa casa nos subúrbios, as melhores amigas Daisy e Lila navegam por desejos inconstantes e escolhas difíceis, forçando-as a confrontar o seu lugar no mundo e o que significam uma para a outra.

Domini Marshall (Austrália, 2025, 16')

Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### Correct Me If I'm Wrong

Numa luta de amor, legado e crença, uma família do sudoeste chinês tenta expurgar do seu herdeiro queer, uma entidade indesejada.

Hao Zhou (Alemanha, EUA, 2025, 23')

Doc. VO chinesa, leg. em inglês. M/16

### Les fantômes du hard, chapitre 2

Em agosto de 2022, um grupo de ocupas de Marselha descobriu um tesouro: os arquivos do fundador do primeiro clube *hard* BDSM de França, o Mineshaft, aberto em 1967. O que se segue é uma busca para localizar os arquivos, recolher os pedaços da história e tentar construir uma filiação, um diálogo com o seu fantasma.

Lazare Lazarus (França, 2024, 28')

Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/18

### Homunculus

*Homunculus* revela a deambulação de um homem em busca de outros homens. Ao longo da sua viagem, ele apercebe-se de que as pessoas o vêem como um “árabe”, uma entidade ambígua, viril e poderosa, tanto celebrada pelos homens gays brancos, como odiada pelas forças policiais francesas.

Bonheur Suprême (França, Itália, 2025, 18')

Doc. Anim. VO francesa, inglesa, italiana e russa, leg. em inglês. M/16

### Nunca Fuimos un Desierto

Nascida de uma instalação dos artistas têxteis argentinos Chiachio & Giannone, o filme desafia a coreografia do “Pericón”, uma dança folclórica nacional, de modo a questionar o retrato de uma pátria projetada como branca, binária e civilizada.

Agustina Comedi, Chiachio & Giannone (Argentina, 2024, 12')

Doc. Exp. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

\* Esta sessão conta com a presença de Lazare Lazarus (*Les fantômes du hard, chapitre 2*)



Homunculus



Les fantômes du hard, chapitre 2



Al Sol, Lejos del Centro

# Competição Curtas-Metragens

## Curtas 2 (96')

Segunda-feira 22 setembro • Sala 3, 19h00

### Big Boys Don't Cry

Um verão abrasador numa pequena aldeia perto de Marselha. Após três anos de ausência, Lucas e o seu grupo de amigos recebem de volta o seu melhor amigo, Hicham. Este regresso tão aguardado, rapidamente desperta emoções contraditórias no grupo, mas sobretudo novas esperanças em Lucas.

Arnaud Delmarle (França, 2025, 23')  
Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

### Lloyd Wong, Unfinished

No início dos anos 90, Lloyd Wong começou um novo projeto vídeo baseado nas suas experiências de vida com sida, em Toronto, mas faleceu de complicações derivadas do vírus, antes de o concluir. Durante três décadas, esta obra por completar foi considerada "há muito perdida", até ressurgir no The ArQuives. Neste documentário experimental, Lesley Loksi Chan combina as imagens de Lloyd Wong com fragmentos das suas notas de investigação, de modo a refletir sobre o que significa herdar imagens de comunidades queer e tentar compreender alguém através de múltiplos *takes*. Irregular e não processado, este filme explora o significado da incompletude.

Lesley Loksi Chan (Canadá, 2025, 29')  
Doc. Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### Twilight Ladies

Nos anos 50, a comunidade transgénero de Singapura começou a instalar-se na zona da rua Bugis. Atraídos pela reputação da rua como "a Montmartre de Singapura", turistas e marinheiros de todo o mundo vinham divertir-se até de madrugada, sendo por vezes seduzidos por mulheres trans vestidas como divas. No início dos anos 80, um projeto de renovação urbana previa a demolição da zona.

Alexe Liebert, Alain Soldeville (França, 2024, 11')  
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### Al Sol, Lejos del Centro

Duas mulheres vagueiam por Santiago do Chile à procura de um lugar onde viver o seu amor. Um zoom digital transforma as imagens 4K numa arquitetura sentimental da cidade, em que as periferias se tornam no centro. *Al Sol, Lejos del Centro* é uma sinfonia de paisagens urbanas que evoca, através de pequenos gestos, um território à espera de ser olhado.

Luciana Merino, Pascal Viveros (Chile, 2024, 17')  
Doc. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

### Ferides

Um renascimento a meio da noite através do primeiro encontro entre Saó e Juliana, onde a vulnerabilidade e a sedução se entrelaçam para abrir caminho a um amanhã promissor.

Alba Cros (Espanha, 2025, 18')  
Fic. VO catalã, leg. em inglês. M/16

\* Esta sessão conta com as presenças de Luciana Merino e Pascal Viveros (*Al Sol, Lejos del Centro*) e Alba Cros (*Ferides*)



Big Boys Don't Cry



Twilight Ladies



Ferides



Birthdays



My Therapist Said, I Am Full of Sadness



Sous ma fenêtre, la Joue

# Competição Curtas-Metragens

## Curtas 3 (97')

Terça-feira 23 setembro • Sala 3, 19h00

### Birthdays

Bruno não recebe convites para nenhuma das festas de aniversário da sua turma da 2ª classe. Não brinca com os rapazes e também nunca será “uma das raparigas”. Bruno não quer preocupar os pais, pois para ele foi sempre assim. O pai de Bruno, Marlon, iraniano, é agora confrontado com a “diferença” do seu filho, e é forçado a lidar com isso.

Adrian Jalily (Dinamarca, 2025, 19')

Fic. VO dinamarquesa e farsi, leg. em inglês. M/16

### Será Inmortal Quien Merezca Serlo

Sergio, Ubaldo, Yolexquys e Winston pertencem a diferentes gerações e compartilham uma memória histórica coletiva: fazem parte da comunidade gay cubana. Entre experiências de discriminação e celebração, eles relembram os primeiros anos da Revolução, quando a comunidade LGBTQIA+ foi enviada para campos de concentração. Agora e juntos, eles evocam o poder de serem quem são.

Nay Mendl (Cuba, Brasil, 2024, 19') • Doc. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

### My Therapist Said, I Am Full of Sadness

Durante o processo de três anos de terapia, Monica reflete sobre a questão de ser totalmente aceite e amada, vasculhando o material de arquivo das suas duas famílias: a sua família biológica, cristã devota, indonésia, e a sua família queer escolhida, em Berlim.

Monica Vanesa Tedja (Indonésia, 2024, 22')

Doc. VO indonésia e inglesa, leg. em inglês. M/16

### Sous ma fenêtre, la boue

Uma das mães de Emma está muito ocupada, a outra muito distante: uma presença que ela rejeita, uma ausência que ela sublima. De uma tensão trivial, surge de repente um confronto pessoal, íntimo e perturbador.

Violette Delvoye (França, Bélgica, 2025, 13')

Fic. Anim. VO francesa, leg. em inglês. M/16

### Oceania

Durante o verão, Najib, de 16 anos, passa os dias a jogar videojogos, até que a mãe, Asma, o informa do falecimento do já idoso vizinho argelino. Intrigado, Najib pega nas chaves do seu apartamento e descobre um mundo inesperado.

Valentin Noujaïm (França, 2024, 24')

Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

## Curtas 4 (97')

Quarta-feira 24 setembro • Sala 3, 19h00

### Are You Scared To Be Yourself Because You Think That You Might Fail?

Enquanto recupera da mastectomia, Mad debate-se com o procurar a atenção da sua parceira, e o aceitar a ajuda da mãe.

Bec Pecaut (Canadá, 2024, 17')

Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### Before the Sea Forgets

Na península de Da Nang, onde os ecos da guerra perduram, um casal de turistas gays procura a sepultura de um esquecido soldado vietnamita, seguido por um misterioso grupo de skaters que lhes abre caminho.

Lê Ngoc Duy (Singapura, 2025, 17')

Fic. VO vietnamita, leg. em inglês. M/16

### Being Blue

Em 2023, Luke Fowler embarcou numa residência na Prospect Cottage, a antiga casa do artista, cineasta e ativista, Derek Jarman (1942-1994). Fowler procurou considerar a paisagem e o clima de Dungeness, bem como a vida de Jarman, observando a casa que ele e seu parceiro Keith Collins (1966-2018) deixaram para trás. O filme aborda temas de sexualidade, vida britânica queer, criação artística e natureza, e apresenta gravações recém-descobertas de Jarman.

Luke Fowler (Reino Unido, 2025, 17')

Doc. VO inglesa, s/ legendas. M/16

### Le prime volte

Duas cartas imaginadas e nunca enviadas, narram, cada uma do seu ponto de vista, a juventude comum de duas mulheres, passada num colégio interno de raparigas.

Giulia Cosentino, Perla Sardella (Itália, Espanha, 2025, 16')

Doc. VO italiana, leg. em inglês. M/16

### Neko

Neko e os seus amigos encontram-se no Chiado, numa tarde de final de verão. Fazem o seu périplo pelas ruas de uma cidade que, como elus, parece uma adolescente em mutação. Junto ao Tejo, encontram-se com outros jovens que se espriam na relva. Entre elus está Matilde, que vê em Neko a sua melhor amiga da creche, Carolina, com quem perdeu contacto e de quem muito gostava...

Inês Oliveira (Portugal, 2025, 30')

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

\* Esta sessão conta com a presença de Inês Oliveira (*Neko*) e de Giulia Cosentino (*Le prime volte*)



Neko



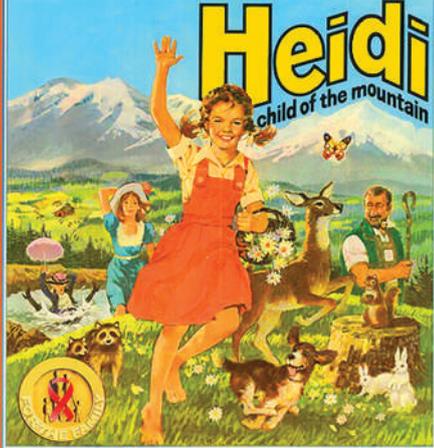
Before the Sea Forgets



Being Blue

**Family Matinee**  
 No one should grow up without seeing the classic film version of the timeless story of...

**Heidi**  
 child of the mountain



monday to friday  
17h - 24h

saturday & sunday  
13h - 24h

everyday  
Happy Hour

**BISTRO EDELWEISS**  
 Swiss Food in Lisbon...



Rua de São Marçal 2  
 Lisboa 1200-421  
 tel +351 930414725  
 www.edelweiss-bistro.com

**KAFFEEHAUS**  
 CAFÉ | RESTAURANTE | BAR | VIENENSE

**VISITE VIENNA EM LISBOA**

**15%**



15% DESCONTO COM BILHETE DO FESTIVAL ENTRE 19.SET. € 10.OUT. 2025

CHIADO - R. ANCHIETA 3 - T. 210956828




**PUREX**  
 BAR OFICIAL DO  
**Queer LISBOA**

# Competição In My Shorts

A vencedora desta competição o ano passado, Lucía G. Romero, está de regresso para confirmar que é uma das vozes emergentes mais fortes do novo cinema espanhol. Com *Casi Septiembre*, da escola barcelonesa ESCAC, insiste no romance lésbico de juventude com matizes sociais e neorrealistas, e com uma solidez técnica e interpretativa à altura. Ainda de Espanha chegam mais um par de títulos, ambos da incubadora basca de talentos Elias Querejeta Zine Escola. *Rezbotanik* marca o regresso de Pedro Gonçalves Ribeiro ao In My Shorts onde já participou há três anos, desta feita com um retrato da performer brasileira Rezmorah: as divinas divagações da diva vão guiar-nos por um lisérgico *after hours* no Jardim Botânico do Príncipe Real. *Todos los Barrios Posibles*, assinado pelo curador e realizador Matteo Giampetruzzi, feito no âmbito do laboratório de reapropriação de arquivos queer Memórias Sinvergüenzas, é uma proposta tão experimental como exequível, onde a topografia do bairro social San Francisco, de Bilbao, contamina-se com flashes de dissidência e desejo chegados de outro tempo. Também este ano está representada duplamente a escola DFFB de Berlim. Em primeiro lugar, da mão do realizador português Carlos Pereira, quem, após o comovente *Slimane* do ano passado, volta a questionar o sistema patriarcal que governa o nosso mundo, em *Icebergs*, um filme sobre o vazio e o entorpecimento, de uma beleza estática e desoladora. Xandra Popescu é a segunda representante da escola alemã, e vem com os louros ainda frescos do Festival de Cannes, onde o seu filme conquistou um prémio na Semana da Crítica: o estimulante *Erogenesis*

apresenta-se como uma distopia científica a meio caminho entre Yorgos Lanthimos e Margaret Atwood, mas esconde um comentário sobre a ditadura de Ceauşescu na Roménia, país de origem da realizadora. Duas das mais conceituadas escolas de França também conseguem lugar na competição: La Fémis, com *Je pars crever*, de Jordan Brandao Rodrigues, e Le Fresnoy, com *Metamorphosia*, de Elsa Michaud. O primeiro é um filme onde as emoções parecem sempre bordejar à beira de uma falésia, com uma atuação digna do melhor cabaret, coroando o drama. O segundo faz lembrar os imaginários fetichistas de filmes de culto como *Crash* ou *Holy Motors*, com automóveis convertidos em seres transformadores que abrem portas a outras dimensões. Ainda do país galo, recebemos Samuel Dijoux com *À nos jardins*, o seu filme para a Université Bordeaux Montaigne. Trata-se de um documentário empenhado em deixar clara uma ideia: num mundo turistificado, o *cruising* continua vivo como prática conquistadora de espaços públicos. Por último, duas curtas-metragens que apelam ao epidérmico e ao mais sensorial: a tropical animação *I Am a Flower*, do ilustrador indonésio Ariel Victor Arthanto (University Babelsberg Konrad Wolf), uma divertida reflexão sobre o que somos, o que queremos ser, e sobre como as nossas famílias lidam com isso tudo; e *Touch Me with Your Eyes* (KASK & Conservatorium / School of Arts Gent), remanso de paz, amor e abstração sensorial com o que Anaïs Kaboré nos convida a coisas tão simples e, por vezes, esquecidas, como pararmos a olhar o céu ou observar como uma luz morre aos poucos. C.R.

## In My Shorts 1 (99')

Quinta-feira 25 setembro • Sala 3, 16h15

### Touch Me with Your Eyes

Uma exploração do amor jovem, desafiando as pessoas espectadoras a reconsiderar as dimensões físicas e sensoriais do cinema.

Anaïs Kaboré (Bélgica, 2024, 27')  
Fic. VO neerlandesa, leg. em inglês. M/16

### Erogenesis

No rescaldo de um misterioso desastre, os poucos humanos que restam vêem-se incapazes de reproduzir a espécie. Toda a esperança está nas mãos de cinco investigadores que desenvolveram a tecnologia para criar vida humana fora do corpo.

Xandra Popescu (Alemanha, 2025, 15')  
Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### Icebergs

Theo tem 66 anos e vive num mundo entorpecido. Ele passa o tempo num hammam, desfrutando secretamente da sensação de ser tocado, e num velho cinema, observando as pessoas no escuro. Certa noite, numa rua deserta, Theo é confrontado com a sua própria fragilidade. Ansiando por proximidade, viaja para o campo para visitar a sua amiga Ida.

Carlos Pereira (Alemanha, 2024, 20')  
Fic. VO alemã, leg. em inglês. M/16

### À nos jardins

Desde o século XVII, que os Jardins das Tulherias em Paris são um local de engate gay. Uma tradição que sofreu uma disrupção devido à organização dos Jogos Olímpicos de verão de 2024. As imagens de *À nos jardins*, captadas alguns meses antes do evento, conseguiram imortalizar um fenómeno no seu crepúsculo. Sob o olhar das estátuas, mergulhados na noite e na folhagem, os homens encontram-se no seio de cruas cenas, sem nunca pôr em causa a poderosa intimidade do filme.

Samuel Dijoux (França, 2024, 28') Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

### Todos los Barrios Posibles

Partindo de imagens de arquivo do bairro de São Francisco em Bilbao, das suas ruas e vida noturna, e de clubes e discotecas que já não existem, este ensaio fílmico explora a ideia de um espaço queer, convidando a uma viagem algo utópica pelos lugares da dissidência sexual e traçando uma história do *cruising* e do desejo gay na cidade.

Matteo Giampetruzzi (Espanha, 2024, 9')  
Exp. VO espanhola, leg. em inglês. M/18

\* Esta sessão conta com a presença de Anaïs Kaboré (*Touch Me with Your Eyes*)



## In My Shorts 2 (95')

Sexta-feira 26 setembro • Sala 3, 16h15

### Casi Septiembre

A jovem Alejandra vive todo o ano com a família num parque de campismo. Ela luta contra o medo do abandono, especialmente quando um novo romance com uma turista madrilena traz à tona essas inseguranças.

Lucía G. Romero (Espanha, 2025, 30')

Fic. VO espanhola e catalã, leg. em inglês. M/16

### I Am a Flower

Num elegante spa de flores, Sam prepara-se para o seu desabrochar e transformação corporal. A mãe, no entanto, não está pronta para largar a mão de Sam. No último dia que passam juntas, entre mimos de pétalas, conversas tranquilas e ecos da infância, a tensão e o medo aumentam, mas algo terno começa a enraizar.

Ariel Victor Arthanto (Alemanha, 2024, 13')

Anim. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### Je pars crever

Edgar desperta da sua primeira *overdose*.

Jordan Brandao Rodrigues (França, 2024, 19')

Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16



### Metamorphosia

No meio do oceano, duas mulheres encontram duas limusinas inebriantes numa praia. Imediatamente fascinadas pelos veículos, decidem repará-los.

Elsa Michaud (França, 2025, 15')

Fic. S/ diálogos. M/16

### Rezbotanik

Depois de intensas noites de festa, drogas e sexo, Rezmorah vai ao Jardim Botânico de Lisboa para se recuperar. Mais do que um parque, o lugar é um museu vivo: e é no meio da sua flora tropical e exótica que Rez nos fala sobre a sua relação com a noite, com aquele espaço e com o género, imaginando o que as plantas nos podem ensinar sobre maneiras de ver e pensar a vida queer.

Pedro Gonçalves Ribeiro (Brasil, Portugal, Espanha, 2025, 18')

Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

\* Esta sessão conta com as presenças de Rezmorah e Deborah Viegas (*Rezbotanik*) e de Elsa Michaud (*Metamorphosia*)



watch films online from  
**QUEER LISBOA**

festivals on demand for film professionals.

 **FESTIVAL SCOPE** Pro  
pro.festivalscope.com



# Competição Queer Art

O que seria do cinema queer sem as suas obras mais desalinhadas? O Queer Art é a secção por excelência dos mais recentes filmes que exploram os limites das linguagens, géneros e narrativas cinematográficas, nos quais os aspetos mais transgressivos da cultura queer são visíveis. Entre ficção, documentário e híbridos, estes oito filmes testam os limites da sociedade – que se quer sempre em evolução –, da liberdade de criação social que as margens oferecem, e do papel das comunidades, intimidade, desejo, e aceitação – própria e interpessoal – nesse processo.

Em *Holy Electricity* dois primos vagueiam pelas ruas de Tbilisi, transformando cruces de sucata em crucifixos de néon. A metáfora não podia ser mais clara, aqui entregue por Tato Kotetishvili com igual medida de humor e delicadeza. Àqueles que encontram no seu caminho não lhes falta fé – no amor e na amizade. *Llueve sobre Babel* reimagina a vida noturna de Cali como um purgatório liminar, onde uma série de personagens queer enfrenta La Flaca, a morte personificada. Um drama coral sobre amor, intolerância e traição, encenado numa mistura febril de *camp* e realismo mágico. Segundas oportunidades são negociadas, e por baixo do espetáculo reside uma insistência na sobrevivência queer num contexto de violência e rejeição. Em *The Shipwrecked Triptych*, Deniz Eroglu recorre a distintas linguagens cinematográficas para enquadrar três histórias de rutura numa antiga Alemanha doente. Provocadoras e descrentes, cada vinheta sugere o quão precária é a vida humana – o quanto estamos à mercê de outrem. *Museo de la Noche* traça a imersão do artista e realizador argentino Leandro Katz no Teatro del Ridículo, parte da cena queer na Nova Iorque dos anos

60 e agentes de uma nova tendência em que o drag, a exuberância e o experimentalismo dominavam a narrativa performativa. O documentário de Fermín Eloy Acosta, em desenvolvimento durante uma década, reconstrói aquele momento através dos filmes experimentais de Katz à época – conterrâneos dos de Mekas, Smith, Warhol e Jacobs –, e no processo um filme inacabado, julgado perdido, é redescoberto. *Sirens Call* propõe um muito singular *road movie* submergido na subcultura *merfolk* dos EUA. Filmado em 16mm, nesta viagem real encontramos comunidades praticantes de uma vida que ousaram inventar, reivindicando a forma híbrida mitológica da sereia como uma forma de pertença, e de ativismo. Também de reinvenção trata *Truth or Dare*, uma investigação das muitas expressões de desejo e género possíveis, aqui no contexto do círculo queer *sex-positive* de Berlim. Enquanto o grupo se entrega ao jogo que dá título ao filme, questões de intimidade, limites, descoberta e consentimento desenrolam e negociam-se. Em *Cherub*, a delicadeza e curiosidade tomam posse. A participação de Harvey no concurso de uma revista gay direcionada a homens pesados resulta, de forma inesperada, numa reavaliação da sua autoestima. Menos esperançoso é o protagonista de *Nem Deus É tão Justo quanto Seus Jeans*, tal não é a sua angústia existencial, a sua ansiedade *millennial*, e a sua depressão. Um filme sobre o quão difícil é estar-se bem.

De Tbilisi, a Cali, passando por Nova Iorque, Berlim, Toronto, São Paulo, e o centro-oeste norte-americano, o Queer Art deste ano insiste na resiliência, na metamorfose individual, e na essencial necessidade de se pertencer. A.D.

## Cherub

Harvey, um homem hetero e gordo, decide enviar uma foto sua a uma revista gay dirigida a “homens grandes e seus admiradores”.

Devin Shears (Canadá, 2024, 74')  
Fic. S/ diálogos. M/16

Quarta-feira 24 setembro  
Sala 3, 21h45



## Holy Electricity

Quando o jovem Gonga e o seu primo, Bart, encontram uma mala de viagem cheia de cruces ferrugentas numa lixeira, Bart tem a ideia de as transformar em crucifixos de néon e vendê-los porta-a-porta aos crédulos habitantes de Tbilisi. A cruzada de ambos pelos subúrbios da cidade, depressa se transforma numa procura pelo amor e pela amizade.

Tato Kotetishvili (Geórgia, Países Baixos, 2024, 95')  
Fic. VO georgiana, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 22 setembro  
Sala 3, 21h45



## Llueve sobre Babel

Numa reviravolta retro-futurista e tropical-punk do *Inferno* de Dante, um grupo de marginalizados converge para o Babel, um lendário e decrépito bar que também serve de purgatório, onde reside La Flaca, a Ceifeira da Morte da cidade. Aqui, as almas apostam anos das suas vidas com ela, ousando enganar a Morte ela Mesma.

Gala del Sol (Colômbia, EUA, Espanha, 2024, 111')  
Fic. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

Sábado 20 setembro  
Sala 3, 21h45



## Museo de la Noche

No final dos anos 60, o artista argentino Leandro Katz fez parte da companhia Teatro del Ridículo, um excêntrico grupo ligado ao *underground* queer de Nova Iorque. Este ensaio fílmico move-se entre arquivos, testemunhos e espectros do passado que interrogam o presente. A fotografia, o filme, o vídeo e o som entrelaçam-se para abordar esse passado mítico e para levantar questões sobre o tempo, a arte, a sexualidade, a morte e o cinema.

Fermin Eloy Acosta (Argentina, 2025, 88')  
Doc. VO espanhola e inglesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 24 setembro  
Sala 3, 16h15



## Nem Deus É tão Justo quanto Seus Jeans

Perto de completar quarenta anos e afastado do trabalho como bibliotecário devido à depressão, Marcos precisa de cuidar da Baby, a cadela de estimação da sua irmã. Isolado num apartamento no centro da cidade, Marcos conta com o apoio da psicanalista Dra. Juliana R., que o atende em sessões de terapia. Juntas, buscam formas de lidar com o luto pela morte do ex-namorado, Pedro, e a chegada de um novo amor, Gabriel. Baby, uma cadela especial de origem asteca e sem pelos, ressignificará a sua relação com o mundo dos mortos e com o mundo dos vivos também.

\* Esta sessão conta com a presença de Igor Mo

Sergio Silva (Brasil, 2025, 74')  
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Domingo 21 setembro  
Sala 3, 16h15



# Competição Queer Art

## The Shipwrecked Triptych

*The Shipwrecked Triptych* é um filme antológico de 90 minutos que faz uso da metáfora universal do naufrágio para examinar a fragilidade humana e a fronteira precária entre a existência e a inexistência. Ao longo de três episódios distintos – cada um definido pela sua própria época, estilo e gênero –, motivos visuais e linhas temáticas comuns ligam estes mundos díspares, desafiando os espectadores a confrontarem-se com os laços delicados que nos ligam à vida.

Deniz Eroglu (Países Baixos, Alemanha, 2025, 90')  
Fic. VO alemã, leg. em inglês. M/16

Sábado 20 setembro  
Sala 3, 16h15



## Sirens Call

Uma sereia nómada viaja através de uma Terra dispersa, navegando pela biografia, identidade e pertença enquanto desafia as tensões entre mitologia e realidade pós-moderna, num híbrido de ficção científica e documentário que desafia géneros.

Miri Ian Gossing, Lina Sieckmann (Alemanha, Holanda, 2025, 121')  
Docufic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 23 setembro  
Sala 3, 21h45



© Gossing Sieckmann filmfaust Kochmann

## Truth or Dare

No coração da cena queer *sex-positive* de Berlim, um coletivo de pessoas reúne-se para um jogo de “verdade e consequência” com foco na sexualidade, no consentimento e no autoconhecimento.

\* Esta sessão conta com as presenças de Maja Classen e Saralisa Volm

Maja Classen (Alemanha, 2024, 79')  
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/18

Sexta-feira 26 setembro  
Sala 3, 21h45



## Alexina B. Vides en Composició

Herculine Barbin, também conhecida como Alexina B., e depois como Abel Barbin, foi uma pessoa intersexo nascida em França em 1838. As suas memórias serviram de base à ópera homónima de Raquel García-Tomás, que levou ao Gran Teatro del Liceu, em Barcelona, o arrojo da sua composição aliado a uma equipa de mulheres apostadas em tratar uma história ainda incómoda com luminosa dignidade. O filme percorre diferentes etapas do processo criativo e vai em busca dos lugares onde Alexina B. terá vivido, mas não fica por aí: procura auscultar o que é a vivência da pessoa intersexo na atualidade, e ponderar que lugar deva ocupar no seio do ativismo LGBTQIA+. O filme acompanha reflexões e conversas necessárias entre Raquel García-Tomás, a encenadora Marta Pazos e a libretista Irène Gayraud, e conta com a participação dos ativistas catalães Camino Baró e Jordi Suárez. Se é certo que Alexina B. terminou o itinerário da sua identidade em perfeita solidão, a ópera *Alexina B.* cumpriu um ambicioso designio artístico e de cidadania. A intimidade desta criação, a invenção das suas propostas, e a sensibilidade que une a obra ao seu mais desejoso público, são delicadamente apresentadas por Alexis Borrás num documentário memorável. C.C.H.

Alexis Borrás (Espanha, França, 2025, 77')  
Doc. VO catalã e espanhola, leg. em inglês. M/16



Quinta-feira 25 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 16h30

## Ato Noturno

O sexo em público como ato político. O poder político como arma de desejo. O desejo impulsionado pelo abismo. Presença segura no festival desde a sua primeira longa-metragem, *Beira Mar*, de 2015, a dupla brasileira de realizadores e argumentistas, Filipe Matzembacher e Marcio Reolon, está de regresso com *Ato Noturno*, que teve estreia mundial na edição deste ano da Berlinale. Porto Alegre, a cidade natal de ambos, é de novo cenário, desta feita para uma ficção tintada de *neo-noir*, sobre um ator e um proeminente político local, que começam uma relação secreta. Contextualizado no Brasil do presente, e com uma forte componente crítica dirigida à hipocrisia política das públicas virtudes e vícios privados, a narrativa desenvolve-se sobre essa outra política, a do desejo, e do seu poder de conduzir os seus protagonistas até ao delírio e ao abismo. Para tal, Matzembacher e Reolon fundem gradualmente esse manto *neo-noir* com um tom absurdista, que assenta que nem uma luva na estética e nos corpos do filme, conduzindo a história a um clímax em que o desejo explode num exibicionismo épico, não deixando pedra sobre pedra. J.F.

Filipe Matzembacher, Marcio Reolon (Brasil, 2025, 119')  
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16



© Avante Films Vulcana Cinema

Domingo 21 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

## Homem com H

Filme-sensação no circuito comercial do Brasil deste ano, o *biopic* de Ney Matogrosso chega ao Queer Lisboa para uma passagem única e obrigatória pelo grande ecrã, como o filme e o artista merecem. O feito de traduzir para cinema a grandiosidade e paixão do gesto artístico do cantor, compete ao cineasta Esmir Filho e ao ator Jesuíta Barbosa, que tem aqui um dos papéis e representações de uma vida — não é preciso chegar a um terço do filme para já termos o Ney cantor e Ney personagem perfeitamente fundidos nas nossas cabeças. *Homem com H* passa em revista a vida intensa e revolucionária de um dos artistas mais influentes da sua geração, desde a infância em Mato Grosso do Sul sob a autoridade do pai, o serviço militar abandonado, o fulgurante início como vocalista-homem-bicho dos Secos & Molhados — em igual medida chocando e atraindo a atenção de um país em plena ditadura militar —, e um retumbante início de uma carreira a solo que, 50 anos passados, ainda quebra preconceitos. Pelo caminho há uma vida sentimental preenchida por dois grandes amores: o cantor Cazuzu e o médico Marco de Maria. Animal de palco e homem de paixões, por mulheres e por homens, defensor da liberdade sexual, Ney ousou redefinir para uma geração inteira o que é isso de se ser Homem com H. A.D.

Esmir Filho (Brasil, 2025, 129')  
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16



Sábado 20 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 16h30

# Panorama

## I'm Your Venus

Venus Xtravaganza foi assassinada em 1988, dando lugar a um processo de investigação que se revelou inconclusivo, na altura. Três anos depois, em 1991, é lançado o documentário *Paris is Burning*, de Jennie Livingston, que retrata a arte e as vidas precárias – mas também a importância das famílias afetivas para a sobrevivência pessoal –, da comunidade *ballroom*, e que catapulta Venus para um estatuto de ícone trans póstumo, como uma das figuras centrais deste filme-estandarte do novo cinema queer. Venus nunca viu a fama, nem o fenómeno global em que se tornou o *ballroom* e o *voguing*. *I'm Your Venus*, assinado por Kimberly Reed, realizadora trans, procura fazer-lhe uma justiça possível. Habilmente oscilando entre o retrato da sua família biológica Pellagatti e o da sua família afetiva Xtravaganza, Reed segue os três irmãos de Venus que, hoje, procuram reabrir o processo e ter respostas. Mas cujo sucesso maior acaba por ser no campo do simbólico – e de uma enorme comoção celebratória –, ao conseguirem alterar postumamente o seu nome legal, ao mesmo tempo em que revivemos os anos acesos dessa comunidade nova-iorquina, e as suas muitas batalhas e suadas conquistas. J.F.

Kimberly Reed (EUA, 2024, 85')  
Doc. VO inglesa, leg. em inglês e português. M/16



Sexta-feira 26 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 16h30

## My Boyfriend el Fascista

A ascensão da extrema-direita nas democracias ocidentais a que temos assistido e que começa a pôr em causa a democracia ela mesma, veio deitar por terra uma certa perceção de que as pessoas LGBTQIA+ são por norma de esquerda, pois é esse o espectro político que historicamente tem defendido e legislado a favor das minorias queer – mas também das pessoas racializadas e migrantes, entre outros grupos. E aquelas pessoas que reúnem esse triplo estigma se serem queer, racializadas e migrantes, e ainda assim são simpatizantes das ideologias extremistas desta direita? Matthias Lintner, realizador italiano, está numa relação com Sadiel Gonzalez, cubano, migrante em Itália. Esquerdista, Lintner volta a câmara para a sua relação com Gonzalez, neste *My Boyfriend el Fascista*, para precisamente tentar compreender a ideologia do seu namorado, simpatizante de Giorgia Meloni e crítico do comunismo cubano. E é nesta dinâmica pessoal e intimista que vamos descortinando a construção de uma “lógica” – ou exercício de autojustificação? –, que nos permite desmontar as muitas incongruências e idiossincrasias do seu namorado. Um confronto de “verdades” que, no final, nos desconforta e faz pensar o quanto teremos falhado enquanto agentes políticos, comunidade, indivíduos. J.F.

Matthias Lintner (Itália, 2025, 95')  
Doc. VO italiana, espanhola e inglesa, leg. em inglês. M/16

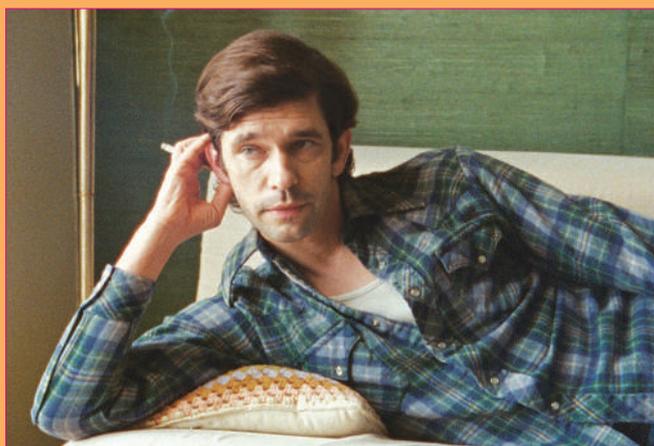


Sábado 27 setembro  
Sala 3, 19h00

## Peter Hujar's Day

Cronista não intencional de Nova Iorque e das suas pessoas – não fossem quase todos os seus filmes ali passados –, Ira Sachs regressa ao Queer Lisboa com um dos seus filmes mais apaixonados por essa cidade, que é também uma das suas mais geniais obras. O retrato não é óbvio: é 1974 e ouvimos o então ainda não aclamado fotógrafo Peter Hujar no seu apartamento, interpretado magnificamente por Ben Whishaw, descrever em detalhe a totalidade do seu dia anterior, à sua amiga, a escritora Linda Rosenkrantz. O telefonema com Susan Sontag, a sessão fotográfica com Allen Ginsberg, a visita de um amigo, as preparações para uma futura exposição, a sesta matinal, e outras atividades mundanas que fazem os nossos dias. Ouvir Hujar durante 76 minutos oferece-nos um imaginário da cidade lá fora, a tão marcante cena artística da baixa nova-iorquina dos anos 70/80, bem como um registo de uma forma de trabalhar nas artes já esquecida, pré-telemóveis e internet. Duplamente filme de época e biopic minimalista, *Peter Hujar's Day*, é também uma ode à amizade e à arte do diálogo, no caso entre amigos íntimos. A.D.

Ira Sachs (EUA, Alemanha, 2025, 76')  
Fic. VO inglesa, leg. em inglês e português. M/16



Sexta-feira 26 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 19h15

## Pillion

Psicodrama com inteligentes laivos de humor, *Pillion*, de Harry Lighton, é um arriscado mergulho no universo gay do fetiche e do BDSM, centrando-se sobretudo na dinâmica entre mestre e submisso, procurando perceber se o amor é possível dentro desta estrita hierarquização feita de (aparentes) desequilíbrios entre as partes. Não é fácil explorar este universo algo secreto sem cair em estereótipos, mas Lighton sucede em fazê-lo. O segredo não está tanto nos diálogos, mas nos silêncios e nuances das magníficas interpretações de Harry Melling e Alexander Skarsgård. Ora, um “pillion” é o nome dado ao “pendura” numa mota. Colin (Melling) canta num embaraçoso grupo *a cappella* num pub, onde conhece Ray (Skarsgård), um enigmático motoqueiro. Para estar com Ray, Colin tem de aprender a submissão e a amar dentro dessa dinâmica. É aqui que habilmente o filme estrutura Colin entre o contexto familiar dos pais e aquele outro de uma comunidade de submissos, seus iguais, que tem o seu ponto alto nesse bucólico piquenique onde os seus rabos são servidos à mesa. Frente ao quase sempre inquebrantável Ray, é Colin quem se transforma e nos ensina que a submissão pode ser um lugar de poder. J.F.

Harry Lighton (Reino Unido, 2025, 106')  
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/18



Sexta-feira 26 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

## Sally!

Sally Gearhart (1931-2021) foi uma figura central e controversa do movimento feminista e do feminismo lésbico radical norte-americanos. De uma tenacidade invulgar, doutorou-se aos 23 anos, tendo vivido e lecionado no armário até finais da década de 60. Em 1970, a sua chegada a São Francisco fez com que abraçasse um estilo de vida jubilosamente lésbico e ajudasse à grande mobilização do Women's Movement. Gearhart deu energia e carisma a duas invisibilidades: lutou ao lado de Harvey Milk, figurou em *Superdyke* (1975), de Barbara Hammer, e no documentário *Word is Out: Some Stories of Some of Our Lives* (1977), mas a sua aventura mais radical talvez tenha sido a de construir a comunidade matriarcal a que chamou *The Wanderground*. Antes de ser uma propriedade florestal partilhada, *The Wanderground* foi um romance especulativo inspirador para as suas futuras habitantes; só que a experiência vivida desta utopia ecofeminista acabou por não resistir, nem ao inflexível separatismo, nem ao envelhecimento. Esta é a primeira longa documental de Deborah Craig, que com argúcia e candura se abeira do vórtice que ainda é a velha Sally. As múltiplas vozes e materiais de arquivo convocados combatem o seu apagamento. C.C.H.

Deborah Craig (EUA, 2024, 96')  
Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16



© Steve Savage

Domingo 21 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 16h30

## Tesis sobre una Domesticación

Fenómeno literário latino-americano, desde a publicação do seu primeiro romance *Las malas*, em 2019, embora já com uma carreira de atriz atrás de si, quando sabemos que Camila Sosa Villada vai adaptar e protagonizar o seu livro *Tesis sobre una Domesticación*, antevemos que realidade e ficção dificilmente seriam separadas. A domesticidade nasce da relação entre uma atriz trans e um advogado, interpretado por Alfonso Herrera, e a adoção de um rapaz, pelo casal. Se, por um lado, a narrativa nos transporta para um campo quase fantasioso onde as personagens são hipócritas de si mesmas; por outro, esse parece ser o terreno mais que perfeito para onde atirar a sua protagonista, para que ela possa operar a implosão da (hétero)normatividade desde dentro, não deixando nenhuma fundação de pé. Não que isso seja um plano ou propósito da sua protagonista, porque ela mesma ensaia a sua própria domesticidade – ela ajudou a construir essa jaula. Mas não aprende a viver dentro dela, recusa ser domada. E aí reside a força do filme. Na sua denúncia e subversão ao nível da narrativa, e na presença da própria Camila, que questiona o patriarcado, rompendo as fronteiras da própria ficção. J.F.

Javier van de Couter (Argentina, 2024, 113')  
Fic. VO espanhola, leg. em inglês e português. M/16



Terça-feira 23 setembro  
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

# Resistência Queer

## o momento de amplificar as vozes

João Ferreira

O programa que o ano passado cruzou as edições do Queer Lisboa e do Queer Porto, sobre um cinema de resistência, oriundo de territórios política e socialmente conturbados e fustigados, quer pela guerra ou pelo genocídio, quer por regimes políticos LGBTQIA+fóbicos ou xenófobos, está de regresso aos dois festivais, com um conjunto de novos títulos. O atual panorama de crescimento das extremas-direitas, pondo em causa os princípios democráticos em si, além do retrocesso que significa para os direitos conquistados de comunidades minoritárias – sejam de pessoas queer, racializadas, migrantes, precárias, entre outros grupos –, tornou de enorme relevância elevar a Resistência Queer a estatuto de secção, enquanto veículo para dar a conhecer, não apenas estes cinemas, mas que sirva de palco de denúncia e consciencialização. Há um ano, já não tínhamos qualquer dúvida de que estávamos perante um hediondo crime de guerra a ser cometido na Palestina. Hoje – e perante uma igualmente criminosa complicitade das democracias mundiais –, é de genocídio que devemos falar. Amplificar as vozes dos artistas palestinos ou aliados é um gesto necessário. Desta forma, e uma vez mais em Lisboa e Porto, é dedicada uma sessão à Palestina, com a exibição do programa de curtas “No Pride in Genocide” (*Queer Cinema for Palestine*), com obras cuja diversidade estética, narrativa e inventiva, evocam a cultura palestina e o seu lugar na História, a sua diáspora, e inevitavelmente o criminoso genocídio que tem lugar hoje em Gaza, sem esquecer a ocupação na Cisjordânia. Numa ação coletiva de pessoas realizadoras e videastas, o Queer Cinema for Palestine fez a curadoria de um conjunto de curtas-metragens que circularam um pouco por todo o mundo em junho último, mês do Orgulho LGBTQIA+, sob a premissa de que nós, enquanto indivíduos e coletivos queer, temos a missão e responsabilidade de lutar ao lado de todas essas outras minorias reprimidas, pela “liberdade, justiça e dignidade”, como se pode ler no manifesto. Políticos e ecléticos, engajados e urgentes, estes oito filmes descobrem-nos a Palestina no mundo e os mundos que são a Palestina.

Aqui, encontramos desde abordagens mais experimentais, com recurso à *found footage*, para se construir um tableau da cultura e vivência palestinas, em *Palcorecore*, de Dana Dawud; até à animação em *stop-motion*, *Out of Gaza*, de Jannis Osterburg e Seza Tiyyara Selen, obra marcadamente feminista, de diálogo entre conflitos internos e externos da sua protagonista. É também no feminino que se desenha a narrativa de *I Never Promised You a Jasmine Garden*, de Teyama Alkamli, onde a aparentemente coloquial conversa telefónica de Tara, residente no Canadá, esconde muitas outras camadas. Curto e belíssimo poema visual de poderoso simbolismo, é à volta do alfabeto árabe que Robin Riad cria *Abgad Hawaz*, desafiando o espectador a “Do you want to learn arabic?”; como é também de texturas que é feito a *tangled web drowning in honey*, de Hannah Hull e Tara Hakim, onde o corpo de uma mulher é respiração e reflexão sobre como as palavras moldam esse corpo e o libertam de amarras. A ficção mais formal do programa aparece em *Blood like Water*, de Dima Hamdan. Centrada em Read, homem gay, e nos seus pais, com quem vive nos territórios ocupados da Cisjordânia, a história parte da chantagem de um oficial israelita em divulgar um vídeo sexual de Raed, se este não lhe revelar o paradeiro do seu amigo Shadi. Hábil dispositivo narrativo para nos contar uma história de família e valores, religião e amor, mas sobretudo de honra e resistência. As duas últimas propostas do programa levam-nos a território libanês e falam-nos de explosões, reais e metafóricas. Exercício autobiográfico, em *Aliens in Beirut*, Raghad Charabaty revive os passos e os toques de quando conheceu o seu companheiro, em Beirute. Estamos em 2020, e na cidade solar os corpos dos rapazes recortam-se no azul do Mediterrâneo, até à chegada dessa nuvem vinda do porto e a explosão que fratura o solo e rasga as muitas vidas. Rodado em Chatila, campo de refugiados palestinos a sul de Beirute, em *Don't Take My Joy Away*, de Omar Gabriel, a explosão não é o culminar, mas antes o motor da ação. Essa ação dos dois rapazes no quarto, cujos corpos explodem eles numa coreografia, que salta das estreitas vielas para os telhados, à qual se unem outros corpos e juntos invadem a cidade, a cidade que volta assim a ser solar. A par da sessão sobre a Palestina, duas longas-metragens completam o programa de Lisboa. Dos EUA, chega-nos o documentário *State of Firsts*, de Chase Joynt, retrato da histórica corrida de Sarah McBride para se



The Crowd



State of Firsts (© Melissa Langer)

tornar na primeira deputada trans do Congresso dos Estados Unidos, eleita pelo Delaware. Joynt acompanha toda a campanha de Sarah, naquele incansável trabalho de *grassroots*, até à sua efetiva eleição. A par, o filme vai descortinando uma atribulada vida pessoal, com a morte do seu companheiro Andy, de cancro, poucos meses depois de terem casado, em 2014. Democrata, Sarah entra no Congresso num contexto político onde os Republicanos dominam e Trump é reeleito presidente. No final do documentário, assistimos ainda a esses primeiros episódios que prenunciam já o que a agenda da extrema-direita está a disseminar, desde as novas políticas de uso das casas-de-banho do Congresso, que desrespeitam as pessoas trans, ao facto de Sarah ser nomeada no hemiciclo por “Senhor” Congressista McBride. Os corpos trans e os corpos queer estão na mira desta agenda.

Estreado na edição deste ano do Festival de Roterdão, do Irão chega-nos a longa-metragem de ficção *The Crowd*, de Sahand Kabiri, um corajoso filme rodado em Teerão, que conta a história de Hamed, proveniente de uma abastada família religiosa. Hamed partilha apartamento com Raman, que vai emigrar em breve e quer passar estes seus últimos dias com os amigos, mas não encontra um espaço adequado para se juntarem. Determinado em ajudá-lo, Hamed decide organizar uma festa num armazém pertencente à sua família, sem os avisar. É este o enredo que serve de base a um filme sobre a importância da comunidade e redes de afeto na juventude, ao mesmo tempo em que se celebra a cultura rave, fundamental lugar de encontro, partilha e expressão de identidades. Sob o enredo, a atribulada história política recente de um país, da sua juventude e das suas diásporas. No programa do Queer Porto – onde repete “*No Pride in Genocide*” (*Queer Cinema for Palestine*) e *The Crowd* –, voltamo-nos para essa outra geografia do Leste Europeu, com dois documentários onde a criação performativa não é mera arma de expressão, mas forma de sobrevivência. Com forte incidência nas questões de saúde mental e em como a mesma

é resultado de complexas equações pessoais e familiares, *In Hell with Ivo*, de Kristina Nikolova, dá-nos a conhecer uma dessas personalidades raras, o performer e compositor búlgaro, Ivo Dimchev. Uma atuação no Joe’s Pub de Manhattan revela-nos já Ivo num lugar de visibilidade e maturidade artística. Tendo começado no teatro-dança, ele encontra nas suas performances e canções a tábua de salvação de si mesmo, o lugar de purga para falar de sexualidade e identidade, de religião e luta, de entrega do seu corpo queer em toda a sua dimensão física e espiritual. Entre Sófia e Nova Iorque – com a pandemia como elemento disruptivo –, o documentário revela as fragilidades e forças de Ivo, o choque político com os seus progenitores na Bulgária, as performances ao domicílio. Tudo, Ivo trabalha e vive numa vontade cada vez maior de procura de uma paz dentro de um contexto externo crescentemente adverso.

*Queens of Joy*, pelo título contrapõe já a alegria ao horror da guerra, e nasce da amizade da realizadora, Olga Gibelinda, com Diva Monroe, uma das mais antigas drags da Ucrânia, em atividade desde os anos 1990. Acompanhando a vivência de Diva – que hoje se identifica como mulher trans –, e outras duas drags, Marlene e Aura, o documentário mostra a importância destes espaços queer, que num contexto de guerra ganham nova dimensão. A ideia de um clube queer como espaço seguro, adquire a dupla acessão da palavra quando serve também de bunker durante os raids aéreos. As performances drag ultrapassam o mero entretenimento e ganham estatuto político ao angariarem fundos para os soldados. Pelo meio, discute-se o não reconhecimento das uniões civis entre pessoas do mesmo sexo e de como, quem perde o seu companheiro ou companheira na guerra, não tem quaisquer direitos. E é nesta vertente política e social que reside a força do filme, ao mostrar como uma comunidade se junta, se reinventa e ganha voz num contexto de guerra, como essa comunidade escolhe ficar e se torna visível até na própria linha da frente. A expressão “resistência queer” não podia fazer mais sentido.

# Resistência Queer

Domingo 21 setembro • Sala 2, 18h00

## Programa de Curtas (85’)

### “No Pride in Genocide” (Queer Cinema for Palestine)

#### Abgad Hawaz

“A curta-metragem analógica desenhada à mão por Robin Riad ensina ostensivamente a pronúncia do alfabeto árabe em 28 passos simples. Na realidade, as letras desenhadas à mão foram impressas com uma impressora a jato de laser na banda sonora ótica de uma película de 16mm e o que se ouve no filme é o projetor a ler as letras e a interpretá-las em som. Riad usa o humor para brincar e sentar-se com a sua língua materna, oferecendo uma ‘falsa’ lição de pronúncia. Em resposta a uma forma digital de ódio anti-árabe que Riad testemunhou na Internet após o início do genocídio em Gaza, o filme é uma forma de a artista se manter próxima da sua língua, cultura e raízes”.

(Tara Hakim)

Robin Riad (Canadá, 2024, 2’)

Curta Exp. VO árabe e inglesa, s/ legendas. M/16

#### Out of Gaza

Uma jovem palestina quer fugir de Gaza com os seus amigos, na esperança de encontrar a liberdade no Ocidente. Como a talentosa engenheira que é, ela torna a fuga possível, mas surgem dúvidas se a decisão correta é a de partir. Quando atravessam o muro, deparam-se com um mundo que não esperavam.

Jannis Osterburg, Seza Tiyara Selen (Alemanha, 2025, 9’)

Curta Anim. VO alemã e árabe, leg. em inglês. M/16

#### Blood like Water

Shadi embarca numa aventura secreta e, acidentalmente, arrasta a sua família para uma emboscada onde só têm duas opções: colaborar com a ocupação israelita ou ser envergonhados e humilhados pelo seu próprio povo. Baseado em histórias reais.

Dima Hamdan (Palestina, 2023, 14’)

Curta Fic. VO árabe, leg. em inglês. M/16

#### a tangled web drowning in honey

Uma curta-metragem experimental e textural que convida a pessoa espectadora a entrar no interior de uma mente para refletir sobre as formas como nos amamos e deixamos de nos amar.

Hannah Hull, Tara Hakim (Canadá, 2023, 10’)

Curta Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

#### Aliens in Beirut

Neste filme sobre o fatídico verão da Explosão do Porto de Beirute em 2020, o realizador queer Raghed Charabaty regressa do Canadá ao Líbano para reconstituir pessoalmente a forma como conheceu o seu parceiro nas ruelas secretas de Beirute e como se viram no meio de uma das mais brutais explosões da história, provocadas pelo homem.

Raghd Charabaty (Líbano, Canadá, 2025, 17’)

Curta Docufic. VO árabe e inglesa, leg. em inglês. M/16

#### Palcorecore

Uma fusão hipnótica de dança, imagens de arquivo e vídeos tirados da Internet, que colapsam o passado e o presente num retrato visceral da vida palestina. Através da desordem e do movimento rítmicos, o filme capta a resiliência, a rebelião e as alegrias quotidianas da existência palestina, centrando-se particularmente na juventude e nas mulheres na sua desafiadora afirmação de vida.

Dana Dawud (Palestina, 2023, 6’)

Curta Exp. VO inglesa, s/ legendas. M/16

#### Don’t Take My Joy Away

Passado em Chatila, um campo de refugiados palestinos no Líbano, dois amigos divertem-se com as pequenas alegrias da vida até que a violência subitamente perturba o seu mundo. Forçados a fugir, embarcam numa perigosa viagem de sobrevivência, confrontando-se com o medo, o caos e as duras realidades que os rodeiam. Ao longo do caminho, deverão escolher entre permanecer nas sombras ou buscar a luz.

Omar Gabriel (Líbano, 2024, 7’)

Curta Fic. VO árabe, leg. em inglês. M/16

#### I Never Promised You a Jasmine Garden

Tara, uma jovem queer palestina, tenta suprimir a sua interna turbulência emocional durante uma chamada telefónica com a sua melhor amiga Sarab, por quem está apaixonada.

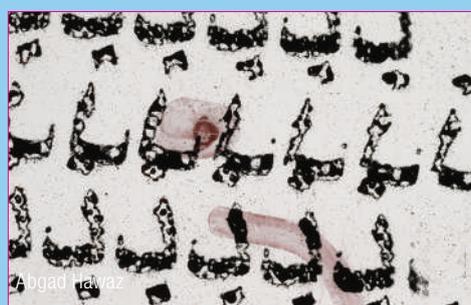
Teyama Alkamli (Canadá, 2023, 20’)

Curta Fic. VO árabe e inglesa, leg. em inglês. M/16

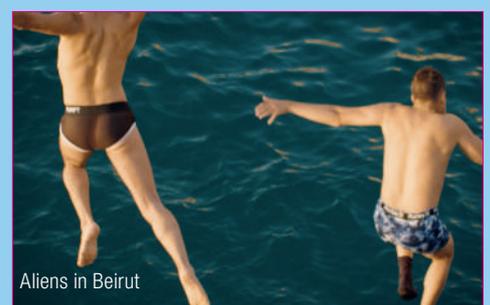
\* Esta sessão é de entrada gratuita (mediante levantamento de ingresso no próprio dia) e serão aceites donativos livres para a associação de ajuda humanitária Seeds of Hope. Dima Akram, da associação, estará presente para apresentar a sessão



a tangled web drowning in honey



Abgad Hawaz



Aliens in Beirut

Segunda-feira 22 setembro • Sala 2, 18h00

## State of Firsts

Um retrato da corrida histórica de Sarah McBride para se tornar a primeira deputada trans do Congresso dos Estados Unidos, da reação adversa que se seguiu e da sua luta pela mudança no seio de um extremismo político cada vez mais intenso.

Chase Joynt (EUA, 2024, 93')

Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 23 setembro • Sala 2, 18h00

## The Crowd

Hamed provém de uma abastada família religiosa e partilha um apartamento com Raman, num bairro de classe média. Raman vai emigrar dentro de dias e está chateado porque não pode passar estes seus últimos dias com os amigos, pois não encontram um espaço adequado para se juntarem. Determinado a ajudá-lo, Hamed decide organizar uma festa num armazém vazio pertencente à sua família, sem avisar os seus donos. No entanto, ele enfrenta ainda outro dilema: o amigo próximo de ambos, Tondar, faleceu recentemente num acidente sobre o qual não podem falar publicamente.

Sahand Kabiri (Irão, 2025, 70')

Fic. VO farsi, leg. em inglês. M/16

\* A esta sessão, segue-se uma conversa com o coletivo Planeta Manas



# Queer Focus

## “Contaste que Eras Trans?”

Ana David, Caio Amado Soares

\_\_\_sáb., 26/10\_\_\_

o que achas do título?

*gosto. reflete um gesto comum, quando fazemos aquela “transvestigation” nas biografias de cineastas.*

isso é fixe, assumir a autodefinição pública como premissa para o programa

*exato, e é uma referência ao coming out, que é sempre um momento de vulnerabilidade.*

:’)

\_\_\_dom., 01/12\_\_\_

bom dia. estive a pensar mais sobre o que possa significar um programa assim

acho que, na utopia, um programa com base numa identidade marginalizada seria não só desnecessário, como quase até inapropriado? a análise de um grupo de filmes através dessa lente parece redutora e desligada da problemática geral do fazer cinema

*o teu idealismo é encantador, mas o mundo não está aí, e a esmagadora maioria do cinema é heteronormativo.*

não me exponhas a esses palavões

*desculpa. é que atualmente faz sentido não só a existência de um programa especificamente trans, como a existência de festivais de cinema queer.*

*aliás, vaticino que vão sempre fazer. se no início se criaram como gesto de afirmação ativista de uma comunidade, passadas décadas evoluíram também para fóruns de discussão, análise e desenvolvimento de um género específico de cinema.*

tens razão. é essencial ter-se espaços onde se juntam pessoas à volta de um interesse comum, quer seja artístico, quer seja identitário

sendo também que qualquer desculpa é uma boa desculpa para mostrar cinema, hehe

*agora, primeiro obstáculo: a maioria do que existe é escrito, realizado e até representado por pessoas não-trans.*

nem me fales de *transfake*. . . por outro lado, já vi cineastas trans a fazer filmes do mais *normie* que existe

mas se a existência trans excede a norma, gostava de mostrar filmes fora da norma, ou que a desafiem de alguma forma

\_\_\_seg., 31/03\_\_\_

*acho que não tinha partilhado contigo ainda uma coisa. quando comentava a ideia inicial deste ciclo com algumas pessoas, invariavelmente recebia a mesma reação: “o que queres dizer por cinema trans?”*

acho “normal” lol

o “cinema trans” enquanto categoria ainda está por estabelecer. aliás, tentar um ciclo com esta missão faz-me sentir responsável

*percebo-te. mas é um programa de três sessões – duas longas e uma sessão de curtas – não uma tese universitária.*

ok, ok. então: já tínhamos avançado com a premissa simples de considerar apenas filmes realizados por pessoas trans

não consideramos clássicos como *Funeral Parade of Roses*, *Transsexual Menace*, *Boys Don’t Cry*, *Paris is Burning*, *Ghost in the Shell*, *A Fantastic Woman*, *Tangerine*, etc, por mais importantes que tenham sido

*totalmente de acordo*

*e para segundo critério proponho que os filmes não tenham como foco principal a experiência trans enquanto sinónimo de sofrimento.*

falou! abaixo o sensacionalismo *transploitation*

*mesmo lidando com a dor, que seja de um lugar de afirmação e/ou de desconstrução.*

isso lembra-me o *By Hook or By Crook*, de Harry Dodge e Silas Howard, com eles próprios na interpretação. o filme passa à frente de explicar toda a problemática trans e foca-se na amizade que se desenvolve entre eles, é lindo

*um clássico do cinema trans e butch! estreado no Frameline em 2001 e acho que foi restaurado recentemente. vou rever.*

\_\_\_seg., 26/04\_\_\_

leste o meu e-mail?

*sim. também ainda só encontrei maioritariamente documentários lúdicos e ficções estereotipadas.*

e está difícil encontrar longas-metragens que não sejam dos EUA

*ainda vamos acabar a fechar o programa com um dos nossos favoritos, o *Something Must Break*, da Ester Bergsmark.*

*dialoga com todas as nossas preocupações, incluindo centrar-se na subjetividade das personagens sem uma abordagem didática.*

é demasiado óbvio. . . e ganhou o festival em 2014, já recebeu tanta atenção

*há mais de uma década, dizes? ;) de repente há uma nova geração que ainda não o viu, e muito menos em sala.*

mas será que não existe nenhuma longa de ficção feita por pessoas trans, por exemplo na América Latina, ou na Ásia, e que tenha feito o circuito de festivais queer?

*existe de certeza.*

# Queer Focus: “Contaste que Eras Trans?”

\_\_\_ **qui., 17/05** \_\_\_

olha, pesquisei catálogos de festivais de cinema trans, festivais queer sul-americanos, letterbox... até artigos jornalísticos e acadêmicos não encontrei nada dessas geografias que se enquadrasse com os nossos critérios

apenas filmes feitos por pessoas cis, e quase sempre as mesmas narrativas de sofrimento, uma e outra vez

*já tinha uma intuição de que chegaríamos a esta constatação, mas deparar-nos com a confirmação assim de forma tão real... não deixa de ser chocante, e desmoralizante.*

mesmo que nos tenha escapado algo, isto significa que o que procuramos não terá feito um circuito relevante de festivais, e isso também fala por si

*portanto, existe financiamento para cinema de temática trans mas não para artistas trans. speaking of transploitation...*

*mesmo dos EUA, contam-se pelos dedos das mãos os filmes de ficção feitos por pessoas trans: I Saw the TV Glow, Adam, Mutt, The People's Joker, Stress Positions, So Pretty...*

então: *Something Must Break?*

<3.

\_\_\_ **sex., 28/06** \_\_\_

estou super contente com este programa de curtas

*boa! que achas desta sinopse:*

*histórias autobiográficas ou autorreflexivas, que abordam tópicos importantes de formas mais ou menos explícitas – a procura de representação, a transição física, a validação familiar, a vivência quotidiana entre pares e a amizade como grande alicerce emocional.*

arrasou.

\_\_\_ **ter., 14/07** \_\_\_

viste a alteração que propus à ordem das curtas?

*faz sentido. com When We Dead Awaken e Life Story começamos com um ângulo temático aberto, com explorações mais (ou menos) teóricas que contêm, mas também extravasam, a história pessoal das cineastas, seguimos com relatos autobiográficos em Dreams of Sunlight Through Trees e La Llum que Cobreix les Ferides, e voltamos a abrir um pouco no fim com a \_blurred\_fluxx\_00.avi, na continuidade do foco pessoal.*

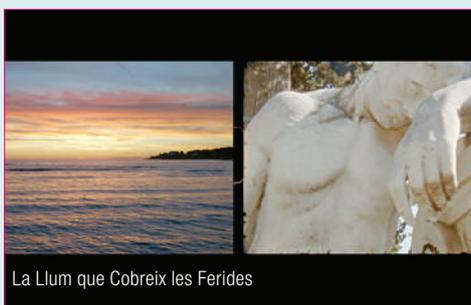
acabamos *blurry*

*acho que tem uma energia de fade out, de encore, que embala.*

a cena coletiva

*assim para um abraço final e começarmos a conversa a seguir à sessão já a partir de uma ideia de comunidade.*

slay.



# Queer Focus: “Contaste que Eras Trans?”

Quinta-feira 25 setembro • Sala 2, 18h00

## Programa de Curtas (74’)

### When We Dead Awaken

Uma fabulação experimental sobre a Árvore das Fadas, referida várias vezes no julgamento de Joana D’Arc. Imaginando-a multiplicada no espaço e no tempo, este filme ritualiza este elemento histórico, reapropriando-o e tornando-o num símbolo dos dissidentes de género julgados pela Inquisição.

Paula Tomás Marques (Portugal, Espanha, 2022, 10’)  
Curta Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

### Life Story

Um texto autobiográfico original da filósofa McKenzie Wark é colocado em diálogo com uma pesquisa sobre o seu corpo nu e a sua vida doméstica, tudo através do piscar de uma luz laranja, neste segundo filme da “série colorida” de diálogos cinematográficos de Rovinelli.

Jessica Dunn Rovinelli (EUA, 2024, 10’)  
Doc Curto. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### Dreams of Sunlight through Trees

Um homem trans de meia-idade começa a tomar hormonas aos 44 anos e observa as suas mudanças ao longo de um ano e nove meses, sob um ciclo contínuo de notícias sobre legislação anti-trans.

Theo Jean Cuthand (Canadá, Áustria, 2024, 16’)  
Doc Curto. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

### La Llum que Cobreix les Ferides

Após muitos anos de silêncio e distância, um cineasta viaja ao seu lugar de origem com a intenção de se reunir com a sua mãe. À medida que o encontro se desenrola, as luzes e sombras da sua relação são reveladas, sugerindo um momento de abertura emocional.

Pol Merchan (Espanha, Alemanha, 2024, 12’)  
Curta Exp. VO catalã, leg. inglês. M/16

### a\_blurred\_fluxx\_00.avi

Atravessando Dallas, a zona da Baía de São Francisco e Nova Iorque, onze jovens negros e queer juntam-se em conversas de várias nuances e cândidos momentos quotidianos de alegria, melancolia, introspeção, euforia, solidão, e formação ativa de comunidade. As suas complexas mentes celebram a jornada de se tornarem pessoas queer negras, explorando a sua continuada afirmação.

Osadolor Osawemwenze (EUA, 2024, 26’)  
Curta Exp. VO inglesa, s/ legendas. M/16

\* A esta sessão, segue-se uma conversa com Ian Kaler, Paula Tomás Marques, Pol Merchan e Theo Jean Cuthand, moderada por Ana David e Caio Amado Soares

Sexta-feira 26 setembro • Sala 2, 18h00

## The Growing Edge

Desfocando os limites da coreografia e da narrativa, *The Growing Edge* explora o teatral e o encenado, o ficcional e o onírico, na autobiografia, refletindo sobre a representação da experiência queer e trans vivida como narrativa pessoal e política. O protagonista transmascuino do filme relata um relacionamento fragmentado entre pai e filho, juntamente com uma jornada de reenquadramento da masculinidade como um ato de reconciliação.

Ian Kaler (Áustria, Alemanha, 2025, 17’)  
Curta Doc Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

## Something Must Break

Uma história de amor intensa e terna entre duas pessoas jovens. Ellie que se recusa a identificar com o estereótipo de se ser rapaz, e Andreas que não se considera gay. Juntos formam uma unidade – são eles contra a burguesa sociedade-IKEA sueca. Sonham em escapar do tédio e do risco de se tornarem iguais a todos os outros. Paralelamente, o monólogo interno de Ellie como mulher cresce em si.

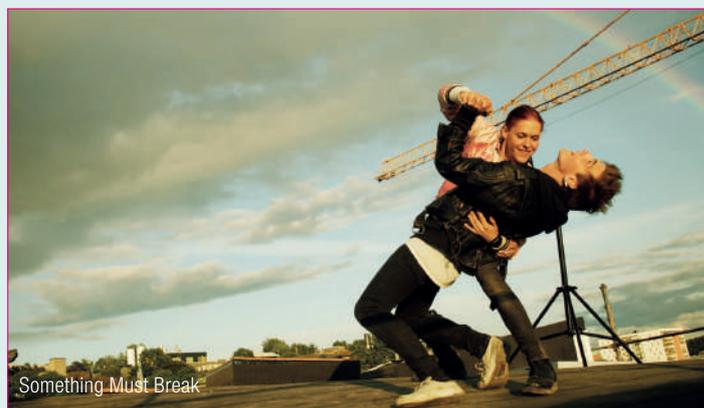
Ester Bergsmark (Suécia, 2014, 81’) • Fic. VO sueca, leg. em inglês. M/16

Sábado 27 setembro • Sala 3, 16h15

## By Hook or by Crook

Emocionalmente abalado após a morte do pai, Shy vai para a grande cidade para mergulhar numa “vida de crime”. Ele é rapidamente distraído por Valentine, um rapaz adotado, delirantemente expressivo e espertalhão, numa busca equivocada pela sua mãe biológica. Os dois excêntricos salteadores unem forças e aprendem o verdadeiro significado de “graciosidade sob pressão”.

Harry Dodge, Silas Howard (EUA, 2002, 90’)  
Fic. VO inglesa, s/ legendas. M/16



# Retrospectiva: Lionel Soukaz

## Lionel Soukaz. Uma vida de resistência, amizade e desejo, em cinema

Stéphane Gérard, cineasta

Visualizem isto: no seio dos eventos transformadores do Maio de 68 em França, Lionel Soukaz nasce enquanto cineasta, aos 16 anos de idade, com *Ballade pour un homme seul*, o seu primeiro filme. Filma o seu namorado, também ele adolescente, a correr colina abaixo, num *sprint* livre que parece uma inocente cavalgada, só que conduzida pelo seu desejo. Não podia haver melhor retrato do Lionel que eu conheci: espontâneo, malandro de um modo infantil, ciente do poder do desejo como o melhor caminho em direção à liberdade.

A sua juventude é instigada por uma infinita curiosidade que alimenta com as muitas leituras e dias passados a ver filmes na Cinemateca Francesa ou no cineclube que organiza no seu liceu. No entanto, no período de finais dos anos 60 e inícios de 70, a França é fortemente marcada por uma mentalidade conservadora, e durante o qual as relações entre pessoas do mesmo sexo são ainda sujeitas a uma repressão levada a cabo pelo estado, fazendo uso desde a vigilância policial, até à censura. Lionel consegue apresentar os seus primeiros filmes (em particular *Le Sexe des anges*) sobretudo em festivais de cinema dedicados ao Super 8 que, sendo considerado um formato amador na altura, permitiu-lhe despidoradamente exibir panfletos explícitos, fora do olhar da regulamentação estatal. Começa a formar a sua comunidade de gays intelectuais e cineastas experimentais.

Mas em Janeiro de 1978, quando organiza, com o GLH (Groupe de libération homosexuelle) um dos primeiros festivais de cinema gay e lésbicos, o *Écrans roses et nuits bleues*, ele enfrenta um duplo golpe físico, quer por parte de um radical grupo conservador, quer por um raide policial que visa confiscar as preciosas películas dos filmes. Seguindo as pegadas de importantes referências suas, como Jean Genet, Pier Paolo Pasolini ou Jean-Louis Bory, Lionel junta-se a todas as mobilizações a

favor da justiça e em absoluta solidariedade para com as margens e os marginalizados.

Momento determinante do seu cinema foi aquele do encontro com o filósofo e escritor Guy Hocquenghem. Juntos, a par de outros amigos que Hocquenghem conhecia dos primórdios do grupo revolucionário de libertação gay, FHAR (Front homosexuel d'action révolutionnaire), viriam a realizar *Race d'Ep*, uma narração visual da história da homossexualidade no século XX, através de imagens. A sua colaboração, profundamente fundada na amizade entre ambos, caracteriza a forma como Lionel fazia cinema, como uma parte da vida onde o elenco e equipa técnica são seus amantes e amigos, onde os filmes ganham pertinência através da sua particular subjetividade pessoal e íntima.

Mas esta longa-metragem documental, que aspirava ser distribuída comercialmente, rapidamente se depara com a censura da comissão francesa para o cinema, que decide restringir o filme às salas de exibição de cinema pornográfico. Uma petição, assinada por vários intelectuais de renome, consegue que uma outra versão do filme seja distribuída, cortando-lhe 25 minutos e com todas as cenas de nudez riscadas, na película, pela sua própria mão. Profundamente perturbado por esta injustiça, Lionel Soukaz realiza *Ixe*, uma vívida, embora desesperada, provocação contra a censura, onde compila tudo o que os censores visavam proibir, e que Lionel considera ser a vida ela mesma. É como se a repetição da palavra “vivre” implorasse sobre a ritmada montagem musical, culminado numa outra cena de corrida, só que desta feita sentimo-la como uma fuga.

Ao passo em que *Ixe* incluía cenas de Lionel e dos seus amigos a injetarem heroína, o seu filme seguinte, *Maman que man*, aborda de forma muito autobiográfica a confusão de um jovem adulto a usar



Race d'Ep

# Retrospectiva: Lionel Soukaz



En corps +

drogas, enquanto tenta lidar com a morte da mãe. Uma vez mais, o filme documenta a noite de Paris e apresenta os amigos de Lionel Soukaz, tais como o dramaturgo argentino, Copi. Igual fusão entre cinema e vida leva o próprio Lionel Soukaz e Guy Hocquenghem a aparecerem como figurantes em *Tino*, o segundo filme que corealizam.

Tristemente, esta constelação depressa se depara com a violência da crise da sida, cujos primeiros anos afetam os homossexuais, utilizadores de drogas e pessoas em situação precária, que constituem a sua comunidade. Após alguns anos sem filmar, regressa em 1991, desta feita usando o vídeo, dando início ao *Journal Annales*, um diário-vídeo de cerca de 2.000 horas e que se estenderá por mais de 20 anos. Mais do que nunca, artistas e ativistas, amantes e amigos, surgem nesta coleção quotidiana da vida no seio da crise, numa tentativa de documentar as vidas daqueles entes queridos que partiram, erguendo este arquivo como um silencioso ato de resistência contra o apagamento e o esquecimento.

Nos inícios de 2000, o seu cinema ganha notoriedade graças à ousada retrospectiva de cinema experimental “Jeune, dure et pure”, da Cinemateca Francesa, e atingem uma legitimidade institucional que abre caminho ao seu restauro e preservação por parte de instituições nacionais patrimoniais (Archives françaises du film du CNC e Bibliothèque nationale de France), numa bonita reviravolta em relação à sua anterior ignorância e censura. Mas, mais importantemente, ele conhece uma nova geração de cineastas ligados ao l’Etna, um laboratório de cinema experimental. A par do seu continuado luto por aqueles que perdeu, o seu entusiasmo em encontrar jovens artistas, ativistas e queers, impulsiona a sua mente criativa e leva-o a realizar desde novas curtas-metragens de humor político panfletário (*I live in a Bush world*, *La Télé nous encule*), a poemas dedicados à beleza masculina (*La Vérité nue*, *Nu lacté*, [www.webcam](http://www.webcam)), equilibrando o contar as histórias do passado com um acutilante olhar ao presente, e sempre fiel à resistência contra toda a forma de fascismo.

Quando o conheço em 2008, ele está a reveritar as fitas do seu diário-vídeo com a intenção de o carregar na internet e invadir as plataformas vídeo. Começamos, um dia de cada vez, a vê-las juntos, mas as perdas e memórias dolorosas exigem que se leve o seu tempo e só passada mais de uma década é que iniciamos o trabalho do que queremos que seja uma trilogia feita a partir destas fitas: *En corps +* (2021), que foca nas mobilizações coletivas, *Artistes en Zone Troublés* (2023), um retrato do seu amante, RV, enquanto artista, e um terceiro filme sobre a criação artística durante a crise da sida que não tivemos tempo de completar juntos. Vou sentir falta do amigo alegre e jocoso que foi Lionel, assim como dos filmes que ele nunca fará e que nos teriam dado uma perspetiva única sobre o nosso presente. Mas os filmes que ele fez também mantêm uma relevância ímpar nos dias de hoje e devemos vê-los e falar sobre eles de modo que nos inspirem com essa mesma consistência contra a repressão e a censura, esse mesmo apelo pela liberdade e justiça, esse mesmo respeito pelo desejo e pelo amor que sempre guiaram o Lionel.

\* Stéphane Gérard estará presente para a apresentação da Retrospectiva, na Cinemateca Portuguesa, no sábado, dia 20 de setembro, e para uma conversa com o público, a seguir ao Programa 2, na segunda-feira, dia 22 de setembro

# Retrospectiva: Lionel Soukaz

## Programa 1 (85')

Sábado 20 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 19h00

### RV, mon ami

“O meu amigo “RV” morreu a 1 de agosto de 1994, com 32 anos. Conhecíamos-nos há 12 anos. Penso que este vídeo de 28 minutos, iniciado na manhã da sua morte, é um impulso, a derradeira verdade, porque parte da emoção da vida, simplesmente testemunhando-a”. (Lionel Soukaz)

Lionel Soukaz (França, 1994, 28') • Doc. Curto. S/ diálogos. M/16

### L'année des treize lunes

“Crónicas de um amor, retratos ensolarados de um pintor romântico, viagens do campo às praias, corpos e cores dançam como um devaneio boémio, de volta à atualidade do 11 de setembro de 2001”. (Stéphane Gérard)

Lionel Soukaz, Tony Tonnerre (França, 2001, 18') • Curta Doc. Exp. S/ diálogos. M/16

### Artistes en Zone Troublés

Seu amante desde 1982, Hervé Couergou torna-se parceiro do cineasta Lionel Soukaz durante os dolorosos primeiros anos da epidemia da sida. Partilham amigos, amantes, criações, momentos de desespero e de alegria, a sua vida, por assim dizer. *Artistes en Zone Troublés*, construído a partir de um diário que se estenderá por 2.000 horas ao longo de décadas, conta a história de Hervé e Lionel, a forma como a sua relação se torna num porto seguro no meio de uma tempestade, mas também o génio poético que nem a morte consegue silenciar, expresso através das cassetes deste diário em vídeo, das suas trocas de cartas, das gravações de música e das páginas coloridas dos seus blocos de notas.

Lionel Soukaz, Stéphane Gérard (França, 2023, 39') • Doc. Curto. VO francesa, leg. em português. M/16

## Programa 2 (77')

Segunda-feira 22 setembro • Sala Luís de Pina, 19h30

### La Marche gaie

A primeira manifestação homossexual teve lugar em 1969, e a primeira marcha federal do movimento homossexual, em 1979. Os homossexuais de todos os Estados Unidos marcharam em Washington, passando pela Casa Branca. Foi uma marcha pacífica, pontuada por uma música de fanfara. Kate Millet e Allen Ginsberg estavam presentes. Cantores atuaram num palco. A marcha perpetua a luta para que o Congresso aprove a legislação federal antidiscriminação.

Lionel Soukaz (França, 1980, 12') • Doc. Curto. VO francesa, leg. em português. M/16

### En corps +

Em 1991, Lionel Soukaz dá início ao seu *Journal Annales*, filmando a sua “comunidade de paneleiros, pobres e toxicodependentes”, confrontada pela epidemia da sida, ao longo de 2.000 horas em que os acontecimentos públicos se cruzam com a intimidade da sua vida quotidiana. Perante a impossibilidade de realizar uma montagem que captasse a riqueza desta abordagem, Stéphane Gérard e Lionel Soukaz concentram-se, para esta instalação, nas associações, mobilizações e reuniões: formas coletivas de compromisso dentro da diversidade das frentes de luta.

Lionel Soukaz, Stéphane Gérard (França, 2021, 66') • Doc. VO francesa, leg. em português. M/16



# Retrospectiva: Lionel Soukaz

## Programa 3 (91')

Terça-feira 23 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

### Autoportrait

Movimentos sociais. Guerra no Iraque. Bush na cimeira. Artistas em estatuto intermitente. Jovens da periferia. Lutas sociais e lutas contra a depressão e o suicídio. Quando tudo arde e falta. (Lionel Soukaz, *Dailymotion*)

Lionel Soukaz (França, 2002, 8') • Curta Doc. Exp. S/ diálogos. M/16

### Race d'Ep

Influenciado pela inovadora obra de Michel Foucault sobre a história da sexualidade e refletindo o revolucionário ativismo queer da época, *Race d'Ep* traça a história da homossexualidade moderna ao longo do século XX, desde os primórdios da sexologia e os nus do Barão von Gloeden, até ao ativismo gay e o *cruising* nas ruas de Paris.

Lionel Soukaz, Guy Hocquenghem (França, 1979, 83')  
Docufic. VO francesa, leg. em português. M/18

## Programa 4 (51')

Quarta-feira 24 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

### Nu lacté

Othello Vilgard, Xavier Baert e Lionel Soukaz filmam uma performance de Tom de Pékin: um despe-se enquanto os outros revelam e desvelam o filme.

Lionel Soukaz, Othello Vilgard, Xavier Baert (França, 2002, 6')  
Curta Exp. S/ diálogos. M/16

### Ixe

"Um filme dedicado à lei com o mesmo nome. *Ixe* pode fazer tremer ou estremecer, estas imagens de fuga, de crise ou de decadência, de travestis, de corpos em ereção, de ataques e arranques, de repressão, de guerra, de violência política, de consumo de heroína, de corpos perdidos no espaço, de combates de boxe, de vida na selva, de sobrevivência, de ténis, de personalidades políticas ou religiosas que nos fazem vomitar de vergonha e de angústia; *Ixe* pode ser tudo isso – uma análise, um trabalho sobre si próprio (um espelho), um instantâneo dos anos 80, o que quiserem, não importa – mas deixem que *Ixe* seja o arrepio da vida, aquela coisa que vos dá calafrios". (Lionel Soukaz)

Lionel Soukaz (França, 1980, 44') • Exp. S/ diálogos. M/18



Autoportrait



Nu lacté



L'année des treize lunes



Ixe

# Retrospectiva: Lionel Soukaz

## Programa 5 (94')

Quinta-feira 25 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

### 150 poèmes mis en sang

Michel Journiac realizou esta ação em março de 1993, no stand da editora La différence, no Salão do Livro de Paris. O artista faz uso do seu próprio sangue, a partir de um texto de Fernando Pessoa: “O mais do que isto / É Jesus Cristo, / Que não sabia nada de finanças / Nem consta que tivesse biblioteca...” (Maison européenne de la photographie, 2017)

Lionel Soukaz, Michel Journiac (França, 1993, 13') • Curta Doc. S/ diálogos. M/16

### Les Corps d'amour de Pasolini

“Uma ode à vida, ao pensamento e ao cinema de Pasolini, materializada numa sobreposição vídeo e encarnada por dois rapazes”. (Stéphane Gérard)

Kami Kaz, Lionel Soukaz, Olivier Hérick (França, 2005, 34')  
Curta Exp. VO francesa, leg. em português. M/16

### Carottage

O *Journal Annales* é constituído por cerca de 2.000 horas de imagens vídeo captadas por Lionel Soukaz desde 1991. Em *Carottage*, a ideia foi a de extrair várias amostras aleatórias deste vasto volume, à semelhança do que se faz com a extração geológica. O resultado é uma história condensada das lutas políticas e da experimentação cultural radical ao longo de duas décadas.

Lionel Soukaz, Powers, Stéphane Gérard (França, 2009, 47')  
Doc. Exp. VO francesa e inglesa, leg. em português. M/16

## Programa 6 (54')

Sexta-feira 26 setembro • Sala Luís de Pina, 19h30

### La loi X - La nuit en permanence

Dedicado a Nicole Brenez, *La loi X - La nuit en permanence* inclui uma leitura performativa de Lionel Soukaz do seu artigo “La Nuit en permanence”, publicado no jornal francês *Libération*, a 9 de agosto de 1979.

Lionel Soukaz (França, 2001, 9') • Curta Exp. VO francesa, leg. em português. M/16

### Le Sexe des anges

Uma série de vinhetas que celebram o corpo masculino e mostram a sexualidade homossexual em pleno desenvolvimento. Trata-se de uma denúncia da sociedade dos anos 70, que reprimiu e canalizou a sexualidade dos adolescentes para uma única sexualidade, forçando à dissimulação, criando um gueto para tudo o que é “outro” e engendrando o proibido. Esta sociedade impõe papéis pré-determinados a cada sexo. Para existirem, os jovens homossexuais refugiam-se em imagens ligadas ao travestismo. A inocência dos adolescentes não existe; ao contrário dos anjos a que são frequentemente associados, eles afirmam a sua sexualidade.

Lionel Soukaz (França, 1977, 45') • Fic. Exp. VO francesa, leg. em português. M/18

## Programa 7 (83')

Sábado 27 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

### Ballade pour un homme seul

“O meu primeiro filme foi sobre o meu amigo de infância que era como um irmão, o filho da vizinha. Pus a tocar a Sinfonia Pastoral de Beethoven, creio. Ele descia a colina a toda a velocidade, era uma espécie de corrida, um travelling... Tombou num campo de papoilas e não se sabe se estaria morto ou vivo. Era um hino à natureza, éramos já todos ecologistas de alma, porque estávamos a sofrer muito com a betonização das cidades”. (Lionel Soukaz, *France Culture*)

Lionel Soukaz (França, 1969, 18') • Curta Fic. S/ diálogos. M/16

### Lolo Mégalo blessé en son honneur

Lionel Soukaz abre um painel de madeira para descobrir o céu e depara-se com trabalhadores italianos a cantar. Tem saudades deles e, quando se vão embora, à noite, fica sozinho a ver televisão. Este espelho vídeo remete-o para o seu próprio tempo: Nixon, Giscard. Então, dança como um grito de socorro: “Ama-me!”. As cenas de travestismo são como um *coming out*, revelando o lado feminino do cineasta com apenas vinte anos de idade.

Lionel Soukaz (França, 1974, 17') • Curta Fic. S/ diálogos. M/16

### Maman que man

Enquanto a sua mãe está a morrer de cancro, Laurent começa uma relação com um belo desconhecido que lhe promete ajudar na sua carreira cinematográfica.

Lionel Soukaz (França, 1982, 49') • Fic. VO francesa, leg. em português. M/16



# Gender Play

Dois novos documentários portugueses, intercetam-se de forma a podermos construir uma reflexão sobre questões de performatividade de género. Esta discussão e teorização começa a ganhar corpo com o lançamento do livro “Gender Trouble”, de Judith Butler, em 1990, onde a autora defende que o género não é biológico, mas antes construção cultural e social, um ato performativo. Uma visão que hoje ganha contornos ainda mais pertinentes, num período histórico de enorme conservadorismo e de disseminação de LGBTQIA+fobias, que recusam a distinção entre sexo biológico e género. Nasces menino ou menina – premissa que por si só assenta num binarismo fechado que na ciência não existe. Propostas radicalmente diferentes nos seus conceitos e sujeitos abordados, *Esta Mulher É um Homem*, de André Murraças e Flávio Gil, e *O Meu Reino para um King*, de Sónia Baptista

e Raquel Melgue, têm em comum essa ideia do jogo, de que o género se representa e aí reside uma verdade. No caso de *Esta Mulher É um Homem*, revisitamos algumas das figuras emblemáticas do transformismo e travestismo português, como Deborah Krystall ou Guida Scarllaty, que encheram e enchem salas de espetáculo, como o extinto Scarllaty Club; já em *O Meu Reino para um King*, a partir do espetáculo *King Size*, de Sónia Baptista, somos levados para dentro do processo de construção de um drag king, um ato performativo ainda bem menos conhecido que aquele das drag queens. Em ambos os filmes, duas diferentes gerações com óbvias diferenças nas suas abordagens e vivências, mas em comum essa construção hiperbólica de uma ideia de feminilidade e de masculinidade, que põe em causa muitas supostas “verdades”. J.F.

## Esta Mulher É um Homem

Deborah Krystall, Fanny Star, Guida Scarllaty, Wanda Morelly e Zizi Mayer são Fernando Santos, Fernando Paulo, Carlos Ferreira, Alberto Teixeira e João Callati, um grupo de antigos (alguns ainda no ativo) travestis portugueses. Símbolos importantes da nossa memória cultural, vidas que passaram por dificuldades e que superaram tempos proibitivos onde as perseguições imperavam, as suas carreiras ilustram diferentes momentos e mentalidades de Portugal.

\*A esta sessão, segue-se uma conversa com André Murraças, Fernando Heitor e Flávio Gil.

André Murraças, Flávio Gil (Portugal, 2025, 63')  
Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 20 setembro  
Sala 2, 18h00



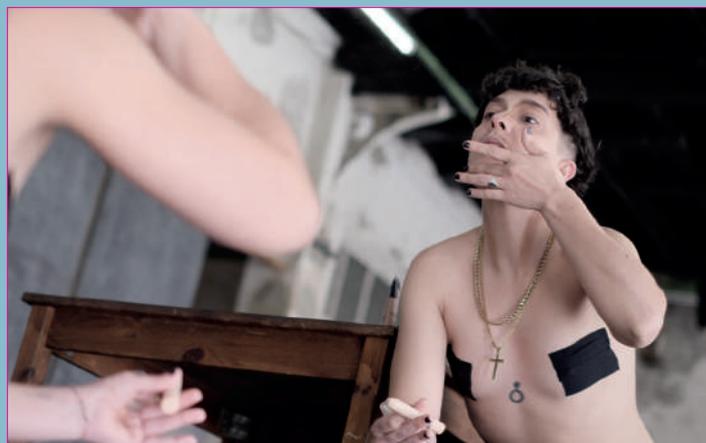
## O Meu Reino para um King

Documentário realizado a partir de entrevistas feitas a alguns dos Drag Kings portugueses contemporâneos, realizado no âmbito da criação do espetáculo *KING SIZE* (2025) de Sónia Baptista – uma coprodução do Teatro Nacional D.Maria II e do Festival DDD –, um projeto que investiga a performatividade da masculinidade num contexto queer.

\*A esta sessão, segue-se uma conversa com Raquel Melgue, Sónia Baptista e Kings convidados.

Sónia Baptista, Raquel Melgue (Portugal, 2025, 45')  
Doc. VO portuguesa, s/ legendas. M/16

Quarta-feira 24 setembro  
Sala 2, 18h00



# Exposição

## Where Love Is Illegal

Em parceria com a Médicos sem Fronteiras

Na Médicos Sem Fronteiras (MSF), a nossa posição é bem clara.

Pelo menos 62 países têm leis que criminalizam relações entre pessoas do mesmo sexo, mesmo quando envolvem adultos com consentimento mútuo. Além disso, pelo menos nove países mantêm leis que criminalizam formas de expressão de género, dirigidas contra pessoas transgénero e com identidades de género não conformes. Nestes países, pessoas que se amam, ou que não se encaixam nas definições conservadoras de identidade de género, são, muitas vezes, forçadas a viver em segredo.

Mas a discriminação e o ódio não se limitam aos países onde o amor é proibido por lei. Em todo o mundo, são recorrentes os atos de violência e preconceito contra a comunidade LGBTQIA+, afetando quem apenas deseja viver abertamente como é.

Na MSF, não prestamos apenas cuidados médicos e humanitários. Estamos também comprometidos com o poder do testemunho e de tomar a palavra para combater estas injustiças e derrubar todas as barreiras impostas – incluindo no acesso aos cuidados de saúde.

A equipa por trás do projeto *Where Love Is Illegal* acredita que as histórias têm o poder de conectar pessoas, transformar opiniões, abrir mentes e influenciar políticas. Liderado pelo fotógrafo Robin Hammond e pela organização sem fins lucrativos que fundou, *Witness Change*, *Where Love Is Illegal* regista e partilha testemunhos pessoais de sobrevivência da comunidade queer por todo o mundo. As pessoas fotografadas no âmbito desta campanha global escolheram como quiseram posar, o que vestir e como se apresentar. Todas escreveram à mão as suas histórias e cartas, para serem partilhadas com o mundo.

Agora, o projeto está aberto a qualquer pessoa da comunidade LGBTQIA+ que deseje partilhar a sua história.

Sexta-feira 19 a sábado 27 setembro  
Foyer do Cinema São Jorge



© Robin Hammond

O MAIOR CATÁLOGO DE  
CINEMA E SÉRIES QUEER

TUDO NUM SÓ LUGAR

FILMIN

A PLATAFORMA DE CINEMA  
PARA QUEM PROCURA ALGO MAIS

# Festas

## As Metamorfoses Ambulantes

DJ: Nicolle Velcro

Entrada gratuita

**Sábado 20 de setembro**

**Purex Clube** (Rua das Salgadeiras, 28), 22h-03h

Arrancamos a programação das noites do festival com uma festa dedicada às sonoridades brasileiras, a propósito da exibição neste dia de *Homem com H*, o *biopic* de Ney Matogrosso, já tão celebrado do outro lado do Atlântico. Da MPB às Cansei de Ser Sexy, passando pelo funk, a *host* da noite, Nicolle Velcro, promete também adjacências: house, disco e até influências das rodas de samba.



## Millennial Angst

DJ: marum

Entrada gratuita

**Terça-feira 23 de setembro**

**Purex Clube** (Rua das Salgadeiras, 28), 22h-02h

Obra sobre pertença e amizade, o iraniano *The Crowd* é um dos filmes em destaque da secção Resistência Queer. No seguimento da exibição desse dia, e da conversa com o coletivo Planeta Manas, o Purex abre excepcionalmente as suas portas a uma terça-feira confiando a cabine a marum, cofundador do coletivo, e ex-integrante da equipa do festival. A ideia é celebrar a angústia *millennial*, a cultura *underground* e a resiliência queer, através de sonoridades nostálgicas, suaves e melancólicas, até ao dançável, *angsty* e ludibriante. Da sala de estar até à *rave*.

## Festa da Mensagem

DJ e host: Manel Moreira

Entrada gratuita

**Quarta-feira 24 de setembro**

**Purex Clube** (Rua das Salgadeiras, 28), 22h-02h

Manel Moreira revitalizou recentemente as badaladas festas da mensagem do antigamente, com um evento que deu que falar. Lembrando as muitas outras, de edições passadas do festival, juntamos forças para mais um *revival*. Adoramos um incógnito, umas palavras misteriosas fora de tom, um engate às cegas. Esta noite não há desculpa para não se dizer o que se quiser a quem se quiser.

## Dyke Night

DJ: Rafa Jacinto

Entrada gratuita

**Quinta-feira 25 de setembro**

**Casa do Comum** (Rua da Rosa, 285), 22h-02h

Artista multidisciplinar, Rafa Jacinto já participou no festival de diversas formas, desde júri a artista de performance, e DJ. Regressa nesta última capacidade para uma festa dedicada em especial às mulheres, com portas abertas para todes. Nessa noite exhibe-se *Jone, a Veces*, uma história de amor lésbico veraneante, dando o mote para uma *dyke night*, de *lipstick* ou de *carabiner*, entre a pop, o indie, o house, e hits dos anos 90.



## Sextou!

DJ: Yizhaq

Entrada gratuita

**Sexta-feira 26 de setembro**

**Purex Clube** (Rua das Salgadeiras, 28), 22h-03h

Na noite em que se exibem os arrojados e explícitos *Pillion* e *Truth or Dare*, Yizhaq está de regresso às cabines do festival para servir os seus sons mais atrevidos e *edgy*, entre a disco, o house, o *Jersey club*, e *vogue beats*. Toca a tirar do armário aquele *outfit* mais fetichista, aquele macacão de vinil vermelho, as calças pretas de pele em segunda mão, o arnês de pele sintética, ou apenas aquele casaco de cabedal vintage. Importa é estar disponível para... desejar.

**QUEER LISBOA 29 – FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA QUEER  
19-27.09.2025 | Cinema São Jorge & Cinemateca Portuguesa**

**Calendário de Sessões**

	Sexta 19 Friday	Sábado 20 Saturday	Domingo 21 Sunday	Segunda 22 Monday	Terça 23 Tuesday	Quarta 24 Wednesday	Quinta 25 Thursday	Sexta 26 Friday	Sábado 27 Saturday		
<b>CINEMA SÃO JORGE - SALA MANOEL DE OLIVEIRA</b>											
16h30		Homem com H	Sally!				Alexina B. Vídeis en Composição	I'm Your Venus	Vivre, mourir, renaître		
19h15		Lesbian Space Princess	Laurent dans le vent	Queerpanorama	A Body to Live In	Morte e Vida Madalena	Cactus Pears	Peter Hujar's Day			
21h00	Noite de Abertura								Noite de Encerramento		
22h00	Plainclothes	Drunken Noodles	Ato Noturno	Salomé	Tesis sobre una Domesticación	Dreamers	Jone, a Vece	Pillion	Between Goodbyes		
<b>CINEMA SÃO JORGE - SALA 3</b>											
16h15		The Shipwrecked Triptych	Nem Deus É tão Justo quanto Seus Jeans	Amantes en el Cielo	Tripoli / A Tale of Three Cities	Museo de la Noche	In My Shorts 1	In My Shorts 2	By Hook or by Crook		
19h00		Echi Alice	Curtas 1	Curtas 2	Curtas 3	Curtas 4	Familiar Places	Je suis déjà mort trois fois	My Boyfriend el Fascista		
21h45		Ligue sobre Babel	My Sweet Child	Holy Electricity	Sirens Call	Cherub	Ceci est mon corps	Truth or Dare			
<b>CINEMA SÃO JORGE - SALA 2</b>											
18h00		Esta Mulher É um Homem	Curtas Queer Cinema for Palestine	State of Firsts	The Crowd	O Meu Reino para um King	Curtas "Contaste que Eras Trans?"	The Growing Edge + Something Must Break			
		Conversa	Conversa	Conversa	Conversa	Conversa	Conversa				
<b>FOYER CINEMA SÃO JORGE</b>											
Where Love is Illegal											
<b>CINEMATECA PORTUGUESA - SALA M. FÉLIX RIBEIRO</b>											
19h00		RV, mon ami + L'année des treize lunes + Artistes en Zone Troublés									
21h30			Autoportrait + Race d'Ep			Nu lacté + Ixe	150 poèmes mis en sang + Les corps d'amour de Pasolini + Carottage		Ballade pour un homme seul + Lolo Mégalo... + Maman que man		
<b>CINEMATECA PORTUGUESA - SALA LUIS DE PINA</b>											
19h30		La Marche gate + En corps +						La loi X - La nuit en permanence + Le Sexe des anges			
		Conversa									
<b>PUREX CLUB</b>											
		As Metamorfozes Ambulantes DJ: Nicole Valcros 22h-03h									
<b>PUREX CLUB</b>			<b>PUREX CLUB</b>			<b>PUREX CLUB</b>			<b>PUREX CLUB</b>		
		Millennial Angst DJ: marum 22h-02h				Festa da Mensagem DJ e host: Manel Moreira 22h-02h					
<b>PUREX CLUB</b>			<b>PUREX CLUB</b>			<b>CASA DO COMUM</b>			<b>PUREX CLUB</b>		
		Dyke Night DJ: Rafa Jacinto 22h-02h								Sextoul DJ: Yizhaq 22h-03h	

- Competição Longas-Metragens
- Competição Documentários
- Competição Curtas-Metragens
- Competição In My Shorts
- Competição Queer Art
- Sessões Especiais
- Panoramas
- Queer Focus
- Retrospectiva
- Resistência Queer
- Gender Play
- Exposição
- Festas



**THE LATE**  
*birds*  
**BIRDS LISBON**  
GAY URBAN RESORT LISBON

**CELEBRATING  
QUEER ART  
WITH YOU  
SINCE 2015...**

**AND FOR MANY  
MORE YEARS  
TO COME!**

THE LATE BIRDS LISBON  
MORE THAN EVER,  
AN AUTHENTIC WAY OF LIVING  
+351 933 000 982  
THELATEBIRDSLISBON.COM